

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA**

**NAIRA FERNANDA PEREIRA DE FREITAS**

**Psicopolítica: sobre uma nova dinâmica neoliberal e seus desdobramentos a  
partir de Byung-Chul Han**

**CUIABÁ**

**2023**

**NAIRA FERNANDA PEREIRA DE FREITAS**

**Psicopolítica: sobre uma nova dinâmica neoliberal e seus desdobramentos a partir de Byung-Chul Han**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Filosofia da Universidade Federal de Mato Grosso, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Filosofia. Área de concentração: Filosofia Social. Sob a orientação da Prof.<sup>a</sup> Dra. Sara Juliana Pozzer da Silveira.

**CUIABÁ**

**2023**

### **Dados Internacionais de Catalogação na Fonte.**

F866p Freitas, Naira Fernanda Pereira de.  
Psicopolítica: Sobre uma nova dinâmica neoliberal e seus  
desdobramentos a partir de Byung-Chul Han [recurso eletrônico] / Naira  
Fernanda Pereira de Freitas. -- Dados eletrônicos (1 arquivo : 70 f., pdf).  
-- 2023.

Orientador: Sara Juliana Pozzer da Silveira.  
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Mato Grosso,  
Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Programa de Pós-Graduação em  
Filosofia, Cuiabá, 2023.

Modo de acesso: World Wide Web: <https://ri.ufmt.br>.

Inclui bibliografia.

1. Psicopolítica. 2. Sociedade do desempenho. 3. Sociedade do  
cansaço. 4. Byung-Chul Han. 5. Rituais e narrativa. I. Silveira, Sara  
Juliana Pozzer da, *orientador*. II. Título.

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Permitida a reprodução parcial ou total, desde que citada a fonte.



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO**

**PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE PÓS-GRADUAÇÃO**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA**

**FOLHA DE APROVAÇÃO**

**TÍTULO: Psicopolítica: Sobre uma nova dinâmica neoliberal e seus desdobramentos em Byung-Chul Han.**

**AUTOR (A): MESTRANDA :NAIRA FERNANDA PEREIRA DE FREITAS**

Dissertação defendida e aprovada em **11 de dezembro de 2023.**

**COMPOSIÇÃO DA BANCA EXAMINADORA**

**Prof. Dr. Sara Juliana Pozzer da Silveira (Presidente/Orientadora)**

**Prof. Dr. Elton Corbanezi (Examinador Externo-PPGS/UFMT)**

**Prof. Dr. Rodrigo Marcos de Jesus (Examinador Interno)**

**Prof. Dr. Bernardo Gonçalves Alonso (Suplente)**

**CUIABÁ,11/12/2023.**



Documento assinado eletronicamente por **ELTON ROGERIO CORBANEZI, Docente da Universidade Federal de Mato Grosso**, em 19/02/2024, às 18:31, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **RODRIGO MARCOS DE JESUS, Docente da Universidade Federal de Mato Grosso**, em 20/02/2024, às 10:17, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **SARA JULIANA POZZER DA SILVEIRA, Docente da Universidade Federal de Mato Grosso**, em 21/02/2024, às 17:12, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [http://sei.ufmt.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](http://sei.ufmt.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **6622777** e o código CRC **D47FB490**.

Referência: Processo nº 23108.091986/2023-11

SEI nº 6622777

## **AGRADECIMENTO**

Agradeço a professora e orientadora Sara Silveira, que me acompanha desde a graduação. Agradeço a sensibilidade, apoio e por toda contribuição na minha vida acadêmica e na minha bagagem intelectual. Agradeço também os colegas do grupo de estudo pela contribuição através das discussões.

Agradeço a todos os meus colegas e amigos. Aos meus colegas da faculdade. Aos meus amigos por todo apoio e confiança e por me ajudarem nos momentos de dificuldade. Uélbert, Brenda, Luciana, Fábio, Camila e todos os outros. Meus agradecimentos póstumos aos meus queridos amigos Jonathan Tres e Michael Green, e a minha avó Terezinha Miguel. Agradeço a minha família por todo o apoio e motivação.

Também sou grata a todos os professores e servidores do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), pela oportunidade e por todo suporte para que essa pesquisa pudesse se realizar. Agradeço também por todo o auxílio e pela compreensão dos momentos. Sou grata não somente aos que estão no programa de pós-graduação, mas agradeço também aos professores e servidores do curso de graduação em filosofia da UFMT, que estão presentes desde a minha graduação.

Por fim, a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Agradeço o auxílio dado através da bolsa de mestrado concedida. Fundamental na vida de tantos pesquisadores.

*“Existem dois pecados capitais, dos quais todos os outros derivam: impaciência e indolência. Por causa da impaciência os homens foram expulsos do paraíso, por causa da indolência eles não voltam. Mas talvez só exista um pecado capital: a impaciência. Por causa da impaciência eles foram expulsos, por causa dela eles não voltam”.*

Franz Kafka

## **RESUMO**

O objetivo de pesquisa desse trabalho é discutir a partir das análises do filósofo Byung-Chul Han, os novos aspectos de funcionamento do neoliberalismo e quais suas consequências, levando em conta sua noção de psicopolítica, considerando que vivemos em uma sociedade pós disciplinar, onde surgiu uma configuração de poder que não necessita mais de características repressivas explícitas. Uma nova dinâmica que consegue abarcar todos os aspectos da vida humana, da esfera psíquica até a esfera virtual. O grande aumento do uso das redes sociais e o intenso avanço tecnológico, aliado aos interesses neoliberais afetaram a vida das pessoas em uma escala que até então não havia sido vista. Aqui iremos discutir os principais aspectos da psicopolítica, seu funcionamento e quais suas consequências nos aspectos sociais, relações interpessoais e na esfera psíquica.

**Palavras-chave: Psicopolítica; Sociedade do desempenho; Sociedade do cansaço; Byung-Chul Han; Rituais e narrativa.**

## **ABSTRACT**

The research objective of this work is to discuss, based on the analysis of philosopher Byung-chul Han, the new aspects of how neoliberalism works and what are your consequences considering his notion of psychopolitics, and that we live in a post-disciplinary society, where a configuration of power has emerged that requires no more repressive characteristics. A new dynamic that manages to encompass all aspects of human life, from the psychic sphere to the virtual sphere. The huge increase in the use of social networks and intense technological advances, combined with neoliberal interests, have affected people's lives on a scale that had not been seen before. Here we will discuss the main aspects of psychopolitics, how it works and what its consequences are for social aspects, interpersonal relationships and the psychic sphere.

**Keywords: Psychopolitics; Performance society; Burnout society; Byung-Chul Han; Rituals and narrative.**

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>8</b>
<b>1. PSICOPOLÍTICA: PARA ALÉM DA SOCIEDADE DISCIPLINAR.....</b>	<b>11</b>
1.1 Uma nova configuração de poder.....	11
1.2 Uma nova concepção de liberdade .....	14
1.3 O consumo como técnica.....	15
1.4 A teia da psicopolítica .....	17
<b>2. SOBRE UMA NOVA DINÂMICA E SEUS DESDOBRAMENTOS.....</b>	<b>19</b>
2.1 Sobre o desempenho.....	19
2.2 Violência psíquica .....	21
2.3 As redes sociais e a insatisfação .....	22
2.4 Imperativo de transparência.....	26
2.5 Erosão da capacidade política.....	29
2.6 Promessa dos dados e a racionalidade digital .....	32
2.7 Bolhas digitais.....	34
2.8 Implicação da vigilância de dados na democracia .....	36
<b>3. A SALVAÇÃO DO EU: AS CONDIÇÕES PARA UMA SAÍDA.....</b>	<b>39</b>
3.1 Verdade como estabilidade .....	39
3.2 Rituais e narrativa .....	40
3.3 A necessidade da percepção simbólica .....	42
3.4 A relação entre comunidade e rituais e sua importância .....	44
3.5 O eu e o outro.....	46
3.6 Alteridade, reconhecimento e a potência do Eros.....	47
3.7 Da dor ao mero viver, do mero viver ao ócio .....	51
3.8 Um novo horizonte: luxo e liberdade .....	57
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>60</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>64</b>

## INTRODUÇÃO

Byung-Chul Han (Seul, 1959) é um filósofo e ensaísta sul-coreano que reside na Alemanha, professor de Filosofia e Estudos Culturais da Universidade de Berlim. Han se tornou popular pelas críticas que faz às redes sociais, apontando as consequências danosas do seu uso, e pela sua análise sobre a atual configuração do neoliberalismo. Influenciado por filósofos como Heidegger, Hegel, Michel Foucault, Theodor Adorno, entre outros, sendo esses filósofos constantemente citados em seus livros.

Um dos principais motivos de ter se tornado um filósofo tão popular, tem a ver com seus temas atuais que são parte do nosso cotidiano, que faz com que a sua filosofia transpasse a esfera acadêmica e invada os debates populares. Han também chama atenção pela sua capacidade de resgatar filósofos clássicos (principalmente Martin Heidegger, Georg Wilhelm Friedrich Hegel e Walter Benjamin) e trazê-los para um contexto atual para fazer suas análises e nos mostra que a filosofia pode sim ser usada para falar de práticas, para mostrar que a filosofia vai muito além e pode discutir questões do dia a dia. Sua filosofia e análises se tornam tão importantes e necessárias devido aos diagnósticos que ele faz da sociedade contemporânea, uma vez que ele aborda temas como funcionamento de poder, política, redes sociais e saúde mental, temas esses que são essenciais de serem discutidos, e, por isso é necessário que a filosofia também se ocupe dessas questões.

A tese central de Han gira em torno do conceito de psicopolítica e suas técnicas como a ideia de desempenho, vigilância digital, coleta de dados, exploração da liberdade e das emoções. Uma das principais características desta é que ela age na esfera psíquica, sendo assim, ela se destaca das técnicas disciplinares que se limitavam ao controle dos corpos, por isso chama a sociedade atual de sociedade pós disciplinar. Importante dizer que todas as técnicas e formas de poder são uma forma de controle com o objetivo de garantir o funcionamento e perpetuação do próprio neoliberalismo.

David Harvey (2008), considera o neoliberalismo como um projeto econômico e político, que se desenvolveu com a necessidade das classes dominantes continuarem estáveis. Uma nova forma avançada do capitalismo. Uma estrutura institucional caracterizada por sólidos direitos a propriedade privada, livre mercado e livre comércio (HARVEY, 2018), com interferência mínima do estado (sendo permitido a interferência somente quando necessária para proteger os interesses da classe capitalista). Harvey (2018) considera o neoliberalismo como um projeto, pensado desde o período pós-Guerra Fria onde os países buscavam manter a estabilidade, mas que se tornou mais urgente no final dos anos 60, quando os grandes países

começavam a enfrentar problemas como desemprego, inflação e crises fiscais (ou seja, problemas para os próprios capitalistas), e que na década de 1970 teve Friedrich Hayek e Milton Friedman como os genitores. Sendo o Chile o primeiro país a experimentar o neoliberalismo de fato (através do Golpe de estado de Pinochet). Era necessário para a classe capitalista pensar um projeto que reduzisse a força da classe trabalhista (HARVEY, 2008). Por isso, se funda como um projeto econômico que entendeu que mais que político precisava se tornar social e pessoal, se fazendo também como ideologia, intervindo nos valores, na vivência, crença e na concepção de mundo dos sujeitos<sup>1</sup>. Sistema socioeconômico que hoje penetra em todos os aspectos da vida do sujeito, desde a camada social até mesmo a esfera mental, que justamente por abranger todas essas camadas ele se torna tão efetivo.

A tecnologia surgiu como parte de um desenvolvimento de aparatos para ajudar a melhorar vida das pessoas, mas ela própria é usada como forma de controle, trazendo novos problemas e potencializando outros. Na crítica que Han tece às tecnologias podemos considerar que são problemas por dois pontos: o desenvolvimento tecnológico cresce como uma forma de perpetuação do capitalismo; a tecnologia trouxe novos problemas no que diz respeito às interações humanas.

Byung-Chul Han denuncia o exagero de positividade, como desenvolveremos no presente trabalho, e o uso das mesmas como forma de controle e suas consequências. Na obra *Sociedade do Cansaço* encontramos a ideia de que o sujeito depressivo é o sujeito do cansaço, aquele que explora a si mesmo e que está consumido pelo excesso de narcisismo que por sua vez aparecem como uma das consequências de uma sociedade subjugada pela lógica neoliberal. Han chama a sociedade do desempenho de sociedade da positividade, devido ao seu exagero de positividade, uma sociedade que não se permite vivenciar mais a negatividade, e através dos seus discursos, de desempenho, produção e consumo, busca eliminar qualquer traço de negatividade. Ele também usa outros nomes para se referir à sociedade neoliberal, atribuindo a ela outros termos como: sociedade do desempenho, sociedade do cansaço, sociedade da transparência e sociedade da positividade (são usados termos diferentes, para se referir a aspectos diferentes). A sociedade do cansaço aparece como uma consequência da sociedade do desempenho, uma sociedade doente, cansada de si mesma, marcada pela autoexploração, autorreferência, transparência, consumos de drogas, otimização do corpo e transtornos mentais

---

<sup>1</sup> Um exemplo, é a questão da intervenção do estado. A intervenção mínima do estado precisa não apenas ser uma prática política e econômica, mas também uma ideia defendida pela própria classe trabalhadora. Nota-se que apesar no neoliberalismo se mostrar como um sistema de oportunidades, na verdade seu próprio desenvolvimento foi pensado em benefício da classe burguesa e não para classe trabalhadora.

(sendo os mais visados pelo autor, a depressão, ansiedade, personalidade borderline e TDAH). Aqui, ao tratar de transtornos mentais, será partindo uma visão da análise crítica social de Han. É importante dizer que transtornos mentais não são desenvolvidos apenas por fatores ambientes, existe por exemplo, o fator biológico. A filosofia de Han, não busca resolver o problema geral da depressão, ele não faz um tratado sobre transtornos mentais, ele busca analisar e expor quais são as questões sociais que influenciam significativamente no desenvolvimento de transtornos mentais, levando em consideração a relação do homem com o ambiente onde está inserido.

Assim, o presente trabalho se conduz da seguinte maneira: o primeiro capítulo fala das características básicas da psicopolítica, contrapondo-a com aspectos da sociedade disciplinar, trazendo as ideias básicas sobre a sociedade disciplinar falada por Foucault, mostrando a diferença do poder psicopolítico que surge como uma superação de um modelo disciplinar e se mostrando muito mais efetivo. Um poder que faz uso da narrativa e uso do espaço virtual, que transforma exploração em autoexploração, que explora a ideia de liberdade ao invés de negá-la, que explora e joga com as emoções do sujeito, que supera a ideia de um corpo dócil e se desenvolve em uma dominação que também atua na esfera mental. No segundo capítulo serão discutidas as diversas consequências trazidas por esse novo modelo de poder, consequências essas que aparecem em diversos aspectos da vida do sujeito, agindo na esfera psíquica, moldando e influenciando o comportamento do sujeito e trazendo consequências que resultam em uma saúde mental prejudicada (abordando a insatisfação, depressão e TDAH), no modo como as pessoas se relacionam (apontando para relações frágeis e superficiais) e nos aspectos sociais como problemas em relação à política e privacidade. Muitos podem considerar que Han é um pessimista em relação à situação atual devido aos diagnósticos que ele faz, mas em muitas obras conseguimos perceber que há um *remédio* para a crise atual, tema que será abordado no terceiro capítulo. A ideia de mudança em Han conta com a ideia de um resgate do sujeito, uma mudança no que diz respeito ao tempo com a valorização do ócio, a relação com o outro através da comunidade, o resgate do vínculo com o outro (é evidente nas obras do autor a importância do vínculo com o outro, a necessidade do abandono do narcisismo), e o resgate dos rituais. Por fim, após o terceiro capítulo serão feitas as considerações finais.

## **1. Psicopolítica: para além da sociedade disciplinar**

### **1.1 Uma nova configuração de poder**

Michel Foucault (França, 1926-1984) foi um filósofo francês que viveu no século XX, seu pensamento exerceu grande influência não apenas na filosofia como também em outras áreas do conhecimento, como por exemplo na psicologia e antropologia. Segundo ele, a forma como o poder se exerce se alterou com o passar do tempo, houve outras formas de controle anteriores a que Han analisa. Primeiro ele se constituiu em um poder sobre a vida, como o poder de matar alguém (que Foucault designa como poder do soberano), no regime soberano eram necessárias ações que representavam e demonstravam a capacidade do poder sobre a vida, o controle através do medo da punição (a morte) nascia através das ações de poder que aconteciam através dos espetáculos, o teatro era esse meio (HAN, 2022), por exemplo as execuções que ocorriam em lugares públicos. No contexto da passagem da produção agrária para a produção industrial saímos do poder soberano para o poder que então Foucault passa a chamar de poder disciplinar (HAN, 2018), um poder que consiste na afirmação sobre a vida, enquanto capacidade de controlá-la, ou seja, não é apenas sobre a decisão do direito à vida, mas há uma condução da própria vida (SOUZA, 2008). Já o desenvolvimento da psicopolítica surge em um contexto pós-industrial com o desenvolvimento do liberalismo para o neoliberalismo (HAN, 2018). Na sociedade disciplinar, o modo de controle age através do medo causado pelas coerções externas agindo de modo repressivo, disciplinando o sujeito através de ordens e restrições (HAN, 2018). Nela o poder se exerce através das instituições, que condicionam e coagem, por exemplo: presídios, escolas e quartéis (HAN, 2018).

De acordo com o dicionário de Oxford, negatividade é o que tem efeito negativo, aquilo que nega ou se manifesta como recusa. Dizer que as disciplinas são técnicas de poder baseadas em negatividade, é dizer que o poder é baseado na capacidade de colocar limites no outro, em negar o outro. Assim, a negatividade determinava limites, era rígida e não se permitia a flexibilidade, ela não se adaptava ao sujeito mas determinava que o sujeito se adaptasse a ela, aqui a definição de sujeito que significa aquele que se sujeita ou é subordinado se torna a palavra mais adequada para entender a condição do homem no sistema disciplinar.

Os chamados “agentes das disciplinas” são bem visíveis, é como o carcereiro em um presídio, um enfermeiro ou vigia em um manicômio, até mesmo o inspetor dentro de uma escola. Também não há uma preocupação de que esses agentes não sejam percebidos, pelo contrário, a disciplina se torna mais efetiva quando é percebida e sentida, por isso era necessário que as pessoas se sentissem observadas, coagidas. Existem pontos fundamentais característicos

das disciplinas, sendo elas: a vigilância, que necessita ser contínua e visível; produção de saber através do registro e fruto da vigilância; controle de espaço (moldando e organizando) e tempo (por exemplo, o tempo dentro dos espaços disciplinares) (Souza, 2011).

Foucault usa para representar a sociedade disciplinar, o Panóptico de Bentham, uma prisão de vigilância contínua, onde os prisioneiros ficavam confinados separadamente e não podiam se comunicar. Na obra *Microfísica do Poder*, podemos encontrar uma explicação de Foucault, do que seria o Panóptico de Bentham:

“Uma construção em anel, no centro uma torre, a qual possui grandes janelas que se abrem, para a parte interior do anel. A construção periférica é dividida em celas, cada uma ocupando toda a largura da construção. As celas têm duas janelas: uma abrindo-se para o interior, correspondendo as janelas da torre, outra, dando para o exterior, permite que a luz atravesse a cela, de um lado para o outro. Basta então colocar um vigia na torre central e em cada cela trancafiar um louco, um doente, um condenado, um operário ou estudante” (Foucault, 2014, p. 320).

Foucault notou que esse projeto de prisão firmado na vigilância não se direciona apenas para presídios, mas para a sociedade como um todo. Os espetáculos que eram símbolos de poder são substituídos por vigilâncias (HAN, 2022). “As pessoas não são postas sob o palco, nem classificadas por estamentos, mas arreadas na “engrenagem da máquina panóptica””. (HAN, 2022, p.11)

A crença em uma constante vigilância, fazia com que não necessariamente fossem observados o tempo todo, já que eles próprios se comportavam como se tivessem. É interessante notar que apesar de Foucault ainda estar preso a um modelo de poder repressivo, mais tarde ele iria começar a notar que a forma de exercer controle passava por mudanças, como é evidente em uma das suas entrevistas:

“Pois se o poder só tivesse a função de reprimir, se agisse apenas por meio da censura, da exclusão, do impedimento, do recalçamento, a maneira de um grande superego, se apenas se exercesse de um modo negativo, ele é muito mais frágil. Se ele é forte, é porque produz efeitos positivos no nível do desejo” (FOUCAULT, 2014, p. 239).

Byung-Chul Han então apresenta um novo diagnóstico em relação a atual forma de poder que se desenvolveu com o século XXI, onde ele observa que há uma superação das técnicas disciplinares. Segundo ele, a principal diferença é o abandono de técnicas repressivas que dá lugar às técnicas que se baseiam em excessos e permissibilidade. A repressão dá lugar à positividade.

Positividade: aquilo que tem caráter de ser positivo, o que coincide com a noção de bem. Desse modo, falar da positividade do poder significa que ele deixa de ter características

negativas e ganha aspectos vistos como benéficos. O poder que age através da positividade suspende toda limitação e toda negação que havia antes, ao contrário do poder negativo das disciplinas, nele há uma constante afirmação de liberdade. O poder disciplinador é então aperfeiçoado e é desenvolvido em uma forma de poder que tem como uma das características principais a flexibilidade (flexibilidade também será responsável pela sensação de liberdade). Mas esse poder só é flexível até o ponto que é necessário para manter seu domínio, ele se ajusta ao sujeito para que depois o sujeito se ajuste a ele. Byung-Chul Han chama essas novas técnicas de *Psicopolítica*. Não é sem motivos que Han diz que a psicopolítica é um poder inteligente, haja visto que ela opera de um modo positivo e tem acesso a psique do sujeito (HAN, 2018) logo há duas características fundamentais da psicopolítica: posituação do poder e ação na esfera mental. É uma estratégia de domínio que age no estímulo tendo o excesso como forma de se efetivar, através da hipercomunicação, consumismo, excesso de exposição e otimização. Nota-se que todas essas técnicas não agem através da força física ou apenas sobre o corpo. Não vai mais contra o sujeito, mas está ao lado das suas vontades, funcionando de dois modos: se encaixando às vontades do sujeito e ao mesmo tempo moldando e determinando novos desejos, fazendo com que os desejos do sujeito e seu comportamento correspondam às próprias imposições neoliberais. Antes o sujeito que recebia ordens através do “você deve”, agora internaliza essas imposições de forma profunda o suficiente para acreditar que aquilo partiu dele próprio. As demandas neoliberais são absorvidas. O controle que antes agia através do domínio sobre o corpo, age também através da esfera mental moldando e condicionando comportamento através de um controle interno do sujeito, a esfera mental. “A psicopolítica digital, por outro lado, é capaz de intervir de forma prospectiva nos processos psíquicos” (p. 87, HAN, 2018). Sem o caráter repressivo do poder tradicional, com os desenvolvimentos sociais e tecnológicos, ele é visto como liberdade real, porém o sujeito continua sendo controlado tanto quanto antes, mas agora nem mesmo se vê na condição de submisso. Mesmo com formas diferentes de poder, pode-se notar que em ambos a vigilância ocupa um lugar muito importante, sendo fundamental tanto nas disciplinas quanto na psicopolítica. Han nota uma nova forma de vigilância que não opera da mesma forma que antes, ele a chama de *pan-óptico digital*, a principal diferença entre o pan-óptico disciplinar e o digital é que a vigilância na disciplina precisa ser notada, ela funciona, pois, há consciência da vigilância e com isso o sujeito sabe que caso não se comporte como o esperado haverá punição, já o digital age de forma contrária operando de forma despercebida. O próprio comportamento das pessoas na internet exemplifica isso, muitas pessoas expressam e compartilham determinados conteúdos de forma espontânea sem perceber e sem mesmo saber que há uma vigilância sobre seus dados

e análise do seu comportamento no meio virtual. Nós agora temos o pan-óptico nas nossas mãos, nos expomos a ele voluntariamente. Com o celular e com seu constante aperfeiçoamento (e conjuntamente com a ascensão das redes sociais) a vigilância se expande para além dos espaços físicos, ela então se torna parte de uma técnica de um domínio contínuo, não há pausa ou qualquer tipo de afastamento. Com o desenvolvimento de aplicativos de celular que monitoram até mesmo o sono dos usuários, não há uma desconexão nem mesmo enquanto o sujeito adormece. A vigilância digital opera por dois meios: através dos aplicativos do celular que solicitam, por exemplo, acesso à localização do usuário e através das redes sociais onde a coleta de dados é feita pelo comportamento do usuário (incluindo o conteúdo que ele consome, as fotos e vídeos que compartilha, a autoexposição através de fotos e conteúdos relativos ao próprio usuário). Mais uma vez o panóptico digital se diferencia do benthamiano onde havia restrição de comunicação, agora há uma hipercomunicação e autoexposição que permite o fluxo constante de dados. O neoliberalismo torna rentável a própria comunicação.

A liberdade e a comunicação ilimitadas se transformaram em monitoramento e controle total. Cada vez mais as mídias sociais se assemelham a panópticos digitais que observam e exploram impiedosamente o social. Mal nos livramos do panóptico disciplinar e já nos encontramos em um novo e ainda mais eficiente. Os internos do panóptico digital, comunicam-se intensivamente e expõem-se por vontade própria. Participam assim ativamente da construção do panóptico digital. O grande irmão digital repassa, por assim dizer, seu trabalho aos internos. A entrega dos dados não acontece por coação, mas a partir de uma necessidade interna. Aí reside a eficiência do panóptico digital. (HAN, 2014, p.19).

Por sua vez, o que garante a constante utilização das mídias sociais e autoexposição é um dos próprios mecanismos da psicopolítica: uma nova narrativa do que é ser livre. Já a vigilância sustenta outra manobra neoliberal: consumo.

## **1.2. Uma nova concepção de liberdade**

Um ponto fundamental para o funcionamento da psicopolítica e que nos mostra a força que uma narrativa tem é a apropriação e reformulação do conceito de liberdade. “Liberdade” e poder caminham juntos na psicopolítica, aqui o poder controlador se apresenta como liberdade de poder do sujeito, que perde seu caráter existencialista e até político, e então se torna superficial sendo a liberdade relacionada a consumo (que resulta em hiperconsumo), hipercomunicação, auto-exposição e desempenho. O modo de controle na psicopolítica controversamente ocorre através dos exercícios e afirmação de liberdade do sujeito. Criou-se

uma ideia de liberdade apropriada pelo neoliberalismo<sup>2</sup>, reduzindo a liberdade à questões de comportamento e consumo, com essa apropriação o próprio neoliberalismo define um conceito de liberdade que se encaixa nas suas necessidades e assim a autonomia do sujeito é dissolvida em imposições e normas neoliberais, desse modo suas escolhas e suas vontades correspondem às vontades do próprio sistema. Aqui poder e liberdade se complementam.

“Vivemos em um momento histórico particular, no qual a própria liberdade provoca coerções. A liberdade de poder (Können) produz até mais coações do que o dever (Sollen) disciplinar, que expressa regras e interditos. O dever tem um limite; o poder não. Portanto, a coerção proveniente de poder é ilimitada e, por esse motivo, encontramos-nos em uma situação paradoxal” (HAN, 2018, p. 10).

Hoje, de forma contraditória, a afirmação de liberdade e o se sentir livre representam a concretização do domínio neoliberal. Utilizando Karl Marx, Han afirma que liberdade só é possível em comunidade, que a liberdade individual (narcisista) é mais um reflexo do neoliberalismo<sup>3</sup>.

### **1.3 O consumo como técnica**

Consumo e internet são exemplos da flexibilidade das técnicas de domínio. Usando o consumo como exemplo, hoje é oferecido ao sujeito os mais diversos produtos para todos os tipos de pessoas, então o mercado se ajusta a essa necessidade e produz itens diversos, abrangendo assim todos os tipos de pessoas para depois formar indivíduos consumistas e dependentes, moldando suas vontades, gerando necessidades e induzindo a consumirem produtos específicos. Antes de se apresentar como necessidade, o consumo se apresenta também como afirmação de liberdade, uma vez que a proposta do mercado é passar a mensagem de que o consumidor é um indivíduo que é livre o suficiente para consumir o que ele quiser, ou seja o consumo é uma prática da liberdade de poder. Apesar do consumo se apresentar como afirmação de liberdade, Han afirma o oposto: Atualmente [...] O consumo excessivo é uma falta de liberdade (HAN, 2018, p. 73), não há liberdade quando se age movido por uma dependência. Existe quem aposte na ideia de um consumo consciente, onde se consome em menor quantidade e um consumo reduzido apenas a itens necessários, porém essa é uma proposta ainda pouco disseminada e que levando em conta a dinâmica do mercado ela não ganhará força. No neoliberalismo contemporâneo o consumismo não busca ser evitado pois ele próprio é uma das condições *sine qua non* da dinâmica capitalista, e nisso a propaganda desempenha um papel importante. A publicidade deixando de se limitar às mídias televisivas, mas também se

---

<sup>2</sup> La Boétie (2018) ao falar da servidão voluntária, apontou para uma sociedade onde a exploração é tão bem-sucedida, que os servos chegam a se questionar se o desejo de liberdade é natural.

<sup>3</sup> A questão da liberdade em comunidade, é um tópico que será citado novamente, no terceiro capítulo.

inserindo no meio virtual, tornou ainda mais efetivo seu objetivo, possibilitou que necessidades (falsas necessidades o que neoliberalismo desenvolveu com êxito) sejam ainda mais internalizadas para que deixem de ser vistas como pseudo necessidades, mas sentidas como necessidades reais<sup>4</sup>. “Ondas de entusiasmo por determinado produto e lançado por todos os meios de comunicação, propagam-se com grande rapidez. Um estilo de roupa surge de um filme; uma revista lança lugares da moda, que por sua vez lançam as mais variadas promoções” (DEBORD, 1997, p. 44-45), assim são lançadas modas que ditam as novas necessidades. Na publicidade os influencers ocupam um lugar especial, mais do que apenas ver o produto em sites, agora os influencers surgem como aqueles que mostram para os usuários o que eles precisam consumir mas de uma forma mais sutil, muitas vezes até mesmo sem que passe a ideia de ser uma propaganda, através de vídeos que falam sobre o cotidiano ou vídeos de humor o influenciador digital consegue expor um produto a milhões de pessoas e com sua forma de interação onde a pessoa se identifica com o que é dito no vídeo contribui para que o usuário se convença de consumir determinado produto. Outra evolução que a internet propiciou é o rompimento do espaço e expansão do tempo de publicidade, a mídia televisiva não era capaz de absorver o sujeito tal como na sociedade digital, o rompimento desse espaço vem da análise de que antes a publicidade se limitava ao tempo que as pessoas se dedicavam a assistir televisão. Podemos pensar de forma básica que um sujeito comum e que trabalha o dia todo (por volta de 08h), acorda toma seu café da manhã assistindo televisão, vai trabalhar e então chega em casa e liga a televisão novamente. Hoje o tempo de propaganda foi otimizado, temos o aparelho celular, independente de estarmos no trabalho ou na escola o celular nos acompanha o dia todo e assim permite que estejamos sempre sendo estimulados a consumir. A própria aparência dos aplicativos e seu funcionamento trabalha em prol da facilidade de compra. Os sites de compra usam interfaces de usuário que permite maior facilidade de compra, o design é construído pensando em facilitar e impulsionar vendas. É também com o pretexto de estar buscando o bem-estar do sujeito que as práticas de vigilância são aceitas, pois são aceitas em troca de uma melhor experiência do usuário.

Consumo, pertencimento e identidade se conectam entre si no neoliberalismo. Temos hoje na sociedade neoliberal digital, o meio de afirmação da individualidade e da sensação de

---

<sup>4</sup> O neoliberalismo tem um jogo perspicaz: o capitalismo gera demandas e problemas que só podem ser satisfeitos e resolvidos por ele próprio, quando digo que há uma criação de necessidade e criação de dependência, isso se refere ao jogo de criar novos problemas para que o próprio sistema que criou esses problemas seja ele próprio quem oferece a solução. É preciso entender que as soluções que o neoliberalismo oferece, muitas vezes são soluções de problemas gerados por ele mesmo.

pertencimento que é realizada também através do consumo. Hoje o mercado possui um leque de opções, onde o sujeito pode fazer escolhas variadas, suas escolhas de consumo afirmam o que o sujeito é, parte da sua identidade tem características ligadas ao seu estilo de consumo, e é nessa formação de identidades que pessoas que têm consumos semelhantes se conectam e sua necessidade de pertencimento se encontra satisfeita. O consumo então deixa de ser visto como algo superficial e então passa a ser percebido e sentido como uma necessidade e isso atinge principalmente os jovens, uma vez que têm uma necessidade maior de afirmar sua identidade e de se sentir pertencente a um grupo (MATTOS, CASTRO, 2008).<sup>3</sup> “A psicopolítica neoliberal se ocupa da emoção para influenciar ações sobre esse nível pré- reflexivo. Através da emoção, as pessoas são profundamente atingidas”. (HAN, 2018, p.66).

Então há um jogo com as emoções, onde elas se tornam parte de uma técnica de controle que são usadas para estimular o consumo. Quando também falamos de redes sociais, de criação de necessidade, do exagero de exposição, da liberdade de poder e desempenho notamos que todas elas envolvem o uso da emoção, como ficará evidenciado ao abordamos esses tópicos.

Quando trazemos a crítica de Han sobre as falsas escolhas sobre o consumismo e sobre a exploração de dados vemos que isso então implica também no que se diz respeito à identidade e pertencimento. Pois partindo de que a exploração de dados é uma técnica do mercado para direcionar produtos específicos para consumidores específicos e de que a afirmação e reconhecimento da identidade está sendo influenciada pelos gostos de consumo, então pode-se dizer que a identidade sofre também influência do mercado.

#### **1.4 A teia da psicopolítica**

Essas estruturas de poder que se relacionam entre si se mantêm, os mecanismos da psicopolítica complementam um ao outro e por isso é tão difícil esquivar-se dela, elas são complementares e se *fazem necessárias*. A criação de necessidade é outro ponto importante no neoliberalismo, mas falar sobre produção de necessidades vai muito além das necessidades de produtos de consumo, mas ela influencia também em questões mais íntimas do sujeito. Muitos usuários usam as redes sociais pela necessidade de se conectarem as outras pessoas (o que é natural), e isso não é apenas sobre se conectar com qualquer pessoa, mas também se conectar com seus próprios amigos, muitos veem como uma opção de manter contato com outras pessoas ainda que elas não busquem esse contato fora da vida virtual. Existe a alegação de que o problema das redes sociais não são as redes propriamente, mas sim a forma como os usuários a utilizam, entretanto, a questão é que o próprio funcionamento desses sites e aplicativos são desenvolvidos e programados com mecanismos que funcionam com o intuito de que a

conectividade vire uma compulsão.

Tristan Harris, cofundador do Center For Humane Technology (ou Centro para uma Tecnologia mais Humana) e ex- colaborador de Ética do Google, em uma entrevista<sup>5</sup> concedida a CNN em Abril desse ano, declarou que há engenheiros de softwares das Big Techs que atuam com o objetivo de cada vez mais atrair e prender a atenção do usuário garantindo que ele passe cada vez mais tempo conectado. “A compulsividade é projetada. Há engenheiros cujo único trabalho é entender como tomar a maior parte da atenção de alguém e fazer com que ela volte no dia seguinte”. (HARRIS, CNN, 2023). O que vemos não são pessoas que utilizam as redes sociais como uma complementação secundária da vida real, mas que a substituem pela vida virtual. Em uma outra entrevista, o jornalista Ricardo Senra<sup>6</sup> a partir das suas pesquisas sobre redes sociais, cita duas técnicas que Harris expôs: “Rolagem automática – estratégia desenvolvida para que a experiência na rede não tenha fim e o usuário siga conectado (HARRIS, BBC, 2020) e as notificações, por sua vez, garante que o usuário retorne à tela, e complementa:

“Já a dinâmica de curtidas e comentários com elogios ou críticas seria estimulada para manipular e tornar usuários dependentes, segundo os entrevistados. Os entrevistados descrevem métodos de manipulação de emoções por meio da dopamina - um neurotransmissor ligado ao prazer, à alegria e ao bem-estar. Por meio de sistemas de "recompensa imediata", como curtidas ou comentários positivos, as redes sociais teriam criado métodos de navegação capazes de estimular a circulação de dopamina em níveis sem precedentes. Como cada validação recebida online gera novos impulsos artificiais de dopamina, as redes manteriam conectada uma legião de usuários cada vez mais solitários e carentes”. (SENRA, BBC, 2020).

No segundo capítulo irei expor as consequências e implicações do uso excessivo das mídias digitais.

---

<sup>5</sup> <https://www.cnnbrasil.com.br/tecnologia/ex-funcionarios-de-big-techs-revelam-que-redes-sociais-sao-projetadas-para-viciar-usuarios/>. Acesso em 20 de julho de 2023.

<sup>6</sup> <https://www.bbc.com/portuguese/geral-54366416>. Acesso em 20 de julho de 2023.

## 2. Sobre uma nova dinâmica e seus desdobramentos

### 2.1 Sobre o desempenho

A norma neoliberal de produção torna-se tão efetiva devido ao seu discurso da constante produção que então recebe o nome de desempenho. Desempenho é performance, narrativa que surge dentro da sociedade neoliberal que aprimorou esses discursos, por isso Han usa o termo sociedade do desempenho para descrever as sociedades neoliberais contemporâneas, uma sociedade pós disciplinar, onde é superado o tratamento de obediência e sujeição e então passa a ser uma sociedade onde o discurso e o tratamento é positivado. Positividade também diz respeito a desempenho, já que no discurso de desempenho, o “sim, você pode” é uma superação do “você deve”, contudo Han afirma que o sujeito continua sendo tão explorado quanto antes. “O regime neoliberal de dominação se apropria completamente das tecnologias do eu, a otimização permanente de si como técnica de si neoliberal não seja nada mais do que uma forma eficiente de dominação e exploração” (HAN, 2018, p. 43). A liberdade de poder coopera com o imperativo de desempenho, uma vez que a ideia de produção é conciliada com ideia a de liberdade, contribuindo para a concepção de que o sujeito é livre o suficiente para querer mais, isso inclui performar e otimizar. Sujeito da obediência não é mais o nome mais adequado para descrever a atual condição do homem, Han chama o homem contemporâneo de *sujeito de desempenho*.

O discurso de desempenho também surge como uma nova narrativa que glamoriza a exploração, o aumento da jornada de trabalho deixam de ser um problema e a necessidade de sempre produzir mais é escondida atrás de uma ideia onde tanto as longas horas de trabalho quanto o aumento de produção passam a ser visto como algo positivo, como uma oportunidade de crescimento profissional e também pessoal, já que hoje a satisfação pessoal está relacionada ao desempenho profissional. Relacionar o desempenho profissional com a questão pessoal também contribui com a ideia de que a constante necessidade de melhora e otimização do sujeito seja uma preocupação pessoal e não uma preocupação em relação a produção e desempenho. “O imperativo neoliberal de otimização pessoal serve apenas a um funcionamento perfeito do sistema. Bloqueios, debilidades e erros devem ser removidos terapeuticamente para melhorar a eficiência e o desempenho” (HAN, 2018, p.45). A otimização pessoal e melhora acontece não como uma preocupação humanizada sobre o sujeito.

Analisando a sociedade do desempenho, Han nos fala sobre outra característica atual: autoexploração. Com a concepção de necessidade de aumento de produção, de melhora da performance, e do sujeito como único responsável por si próprio, a ideia de uma figura

exploradora desaparece, não é mais necessário alguém que obrigue o sujeito a produzir mais, devido ao discurso de desempenho o sujeito explora a si próprio, uma vez que ele se sujeita a isso voluntariamente, mas justamente por acontecer de forma voluntária é que ele não acredita ser explorado (HAN, 2018).

Foi dito anteriormente que a mudança do mundo através do consumo é justamente o fim da revolução, mas a própria autoexploração também impossibilita qualquer chance de revolta. As próprias pessoas se suicidam quando não só aceitam a escravidão, mas quando a procuram e se submetem a ela de forma voluntária. (LA BOÉTIE, 2018). Han (2018) diz que a revolução não ocorrerá, já que para isso é necessário que o sujeito se reconheça como explorado<sup>7</sup>. Em relação a isso, Han cita brevemente a questão da dialética do senhor e escravo teorizada por G.W.F. Hegel, onde Han afirma que graças a autoexploração, a figura do senhor desaparece já que o escravo se explora voluntariamente. Nessa dialética há um movimento de reconhecimento, a dialético senhor e escravo está em um modelo de exploração repressivo, onde quem me explora é o outro, há uma figura externa a mim em que reconheço seu domínio, possibilitando que eu me reconheça enquanto explorado, mas na psicopolítica essa dialética se desfaz, se desfazendo ela impede que eu me reconheça enquanto explorado. A relação do senhor e escravo é caracterizada pela repressão, enquanto a autoexploração é marcada pela permissibilidade. A autoexploração faz com que o sujeito se submeta a ordem do senhor não por medo, mas devido ao discurso de desempenho que faz com que esse sujeito absorva essas ordens e as realize de forma voluntária. Sem uma figura externa eu não me reconheço enquanto explorada ainda que eu continue sendo.

Na autoexploração em conjunto com o discurso de desempenho, o sujeito assume toda a responsabilidade do seu sucesso ou fracasso. Quando o sujeito falha, fracassa, ele volta isso para si, ele não questiona o neoliberalismo, ele acredita que o sistema não influencia em nada negativamente, ao contrário, acredita que o sistema te oferece a oportunidade de poder (ser e ter), quando ele acredita que apenas ele é responsável pelo seu sucesso e fracasso, ele ignora as falhas do sistema, a desigualdade, a falta de oportunidade e culpa a si próprio, assim se o sujeito falha é porque não se empenhou o suficiente. Esse discurso também elimina a chance de revolta, de uma oposição ao sistema. Quando fracassa crítica a si próprio, ou seja, diante disso, o sujeito não vê e nem sente necessidade de uma mudança social (HAN, 2018).

Parte do discurso de desempenho ser tão efetivo acontece porque esse discurso é

---

<sup>7</sup> Tema que será melhor abordado no terceiro capítulo

disseminado desde cedo, ainda na fase escolar. A questão do desempenho escolar e os campeonatos onde os alunos concorrem entre si, são exemplos de como o individualismo é estimulado desde a escola, colocar o outro sempre como alguém que deve ser superado, faz com que o sujeito sempre perceba o outro como um eterno concorrente, o neoliberalismo não se perpetuaria sem o individualismo. O individualismo é alma da teoria e da práxis capitalista (HORKHEIMER, 2015).

Nesse segundo capítulo, a internet junto com as redes sociais serão articuladas e problematizadas com base nas obras de Byung-Chul Han mas expandindo suas discussões, ligando a problemas em relação a exploração de dados e quais suas implicações, nas mudanças sociais ao transformar o modo com que as pessoas se relacionam, como elas se percebem e como percebem o outro, e também sobre as implicações no que se refere à esfera psíquica (nessa pesquisa dando uma maior atenção à saúde mental).

## **2.2 Violência psíquica**

Para Han o crescente número de pessoas com transtornos mentais se deve ao modo de vida da sociedade do desempenho, a forma que ela afeta profundamente e negativamente o sujeito, causando disfunções emocionais e comportamentais. “Aqui temos diante de nós uma sociedade que sanciona a *violência psíquica* como um meio para um fim. É uma sociedade do sangue, que deve ser distinguida da sociedade moderna, isto é, da alma” [...] adota formas intrapsíquicas.” (HAN, 2015, p. 15), ele também caracteriza a violência psíquica como resultado da autoexploração, desempenho por si só é mais uma vez problemático uma vez que faz parte dele constante necessidade de superação e por consequência um excesso de autocobrança. A necessidade de superar o outro é acompanhada do exagero de comparação, por isso a insatisfação é uma das principais características da sociedade neoliberal.

A depressão aparece como uma patologia do sujeito narcisista do desempenho. Nesse sentido Byung-Chul Han cita que Alain Ehrenberg (França, 1950) localiza a depressão na transição do sujeito da obediência para o surgimento do sujeito autônomo, com o poder disciplinar sendo deixado de lado, o que aflige é a autonomia. Enquanto na sociedade disciplinar havia um mal-estar por questionar o que podemos fazer, para Ehrenberg com o declínio das disciplinas veio o peso da escolha. Com a ideia do sujeito de desempenho, Han complementa demonstrando que há um peso de ter que fazer mais e melhor, exigência de ser produtivo e bem-sucedido. A própria autonomia começa a ser explorada. Nesse capítulo iremos expor como a depressão não é apenas fruto da exaustão, mas também como está ligada ao uso das redes sociais.

A depressão no sujeito do desempenho pode aparecer primeiramente como resultado da

exaustão causada pelo excesso de produção, uma vez que nem o descanso é permitido. “O sujeito do desempenho não dorme como uma forma de concluir” (HAN, 2021a, p.23). Como uma parada necessária, o sujeito do desempenho dorme justamente por causa da aceleração exaustiva, seu repouso faz parte e ao mesmo tempo é resultado da sua constante performance (HAN, 2021a). O sono aparece como uma fase da produtividade, é apenas como “*recarregar as baterias*”, não é um sono de conclusão, mas sim de continuação para produzir mais (Han atribui a incapacidade de concluir como causa da insônia). A sociedade do desempenho por consequência tem como resultado o cansaço (por isso Han chama essa mesma sociedade de sociedade do cansaço), mas apesar da ditadura da produtividade, a depressão e a síndrome de *burnout* se tornam um problema para o próprio sistema, essas doenças trazem como consequência o entorpecimento, não haverá ação ou resistência em uma sociedade depressiva, mas ao mesmo tempo a depressão torna o sujeito inativo e isso se torna um problema em relação à produtividade, da mesma forma que uma pessoa depressiva não terá qualquer reação que se oponha ao sistema, ela também não produz, o que gera uma complicação para a própria dinâmica neoliberal. A fim de resolver o dilema entre depressão e produção, foram desenvolvidas medidas paliativas no que se diz respeito ao problema da saúde mental, temos uma sociedade que tem interesse em tratar da depressão até o ponto que é necessário para que esse sujeito volte a produzir, o indivíduo precisa ser novamente inserido nessa dinâmica pois é importante que volte e melhore seu desempenho. Essa necessidade de ser ativo novamente, não diz respeito apenas a sua produtividade de forma isolada, mas também afeta a forma como ele é visto socialmente, uma vez que temos uma sociedade onde o homem é medido pela sua produção. Na literatura já tínhamos um vislumbre desse pensamento através de Gregor Samsa, personagem de Franz Kafka (1883-1924) na célebre obra *A Metamorfose* (o protagonista passa a ser rejeitado pelas pessoas a partir do momento que não é capaz de produzir, pode-se também ir além e pensar nele hoje como o sujeito neoliberal que devido às altas exigências acaba exaurido). A não atividade traz outro problema: culpa, o sentimento de culpa aparece devido ao exagero de autocobrança e o imperativo de desempenho, e nesse caso a sensação de culpa vem acompanhada também pelo sentimento de fracasso, já que se espera do sujeito que ele seja sempre produtivo. “Junto com a síndrome de *Bournout*, a depressão representa um fracasso *sem salvação*” (HAN, 2019b, p. 25).

### **2.3. As redes sociais e a insatisfação**

Com o crescimento das redes sociais, das evoluções tecnológicas, surgiram novos problemas. As redes sociais têm se mostrado como algo que está causando os mais diversos problemas e levantando novas questões que não surgiriam sem o desenvolvimento tecnológico

atrelado à constante expansão do neoliberalismo. Há os problemas sociais no que, por exemplo, diz respeito à liberdade de expressão, questões políticas (aqui também surge o problema do mercado no que se diz respeito à coleta e exploração de dados), traz também modificações na forma com que as pessoas se relacionam (podemos citar as relações virtuais), e problemas na saúde mental levando a debates sobre ansiedade, depressão e transtorno de déficit de atenção. Então é importante se pensar as redes sociais, não se pode pensar que o virtual é um ambiente totalmente separado do sujeito onde não traz implicações para a vida real.

A necessidade de se expor faz com que a esfera privada deixe de ser particular e agora há um compartilhamento ilimitado do que antes era pessoal (não há nada que deve ser preservado), há também uma dependência que consiste em precisar do mero *like* do outro para que o indivíduo se sinta bem consigo mesmo, que constrói uma autoestima vazia e dependente (Há uma necessidade de se expor e de ser validado para o outro, porém é um narcisismo onde não há uma boa autoestima, aqui a autoestima é baixa tanto que há preocupação exagerada sobre fotos e postagens). Um estudo feito intitulado *Status of Mind* (RSPH, 2017), apresentou relatos de jovens que desenvolveram sintomas ansiosos (por exemplo o excesso de preocupação e isolamento social) pela preocupação de como as suas fotos e seus *posts* estão sendo avaliados por outras pessoas. Vivemos em uma sociedade que apesar de narcisista procuramos a validação do outro e só nos interessamos no outro até o ponto que queremos encontrar a nós mesmos, porém a busca de encontrar a si mesmo no outro, revela um narcisismo negativo, o sujeito não ama a si próprio (HAN, 2019). Esse próprio vazio o impulsiona ao uso de redes sociais, no vazio de si, o sujeito sente necessidade de se expor, para receber a validação do outro. A pessoa se vê, da forma que as outras a veem, e nisso buscam também se igualar a elas, vivendo assim no que Han chama de inferno do igual. No inferno igual, os diferentes não se relacionam, e nas redes sociais as pessoas só se relacionam com seus semelhantes. Não há reconhecimento da diferença com o outro, o olhar para o outro é sempre para olhar a si próprio, então no narcisismo o sujeito só se relaciona consigo (HAN, 2019b). Se relacionar constantemente com os iguais, faz com que surja uma zona de conforto que faz com que o indivíduo não saiba lidar com o diferente. No mundo virtual você “convive” com o igual, com aquele ambiente que te é mais cômodo (por exemplo, pessoas e comunidades digitais que compartilham as mesmas opiniões e gostos que você).

Entusiastas da inteligência artificial (geralmente aqueles que estão na indústria de inteligência artificial), falam sobre aplicativos de celular que conversam com as pessoas, aplicativos que interagem com o usuário e que conseguem se moldar ao gosto e ao comportamento da pessoa, criando respostas amigáveis. Afirmam que aplicativos como o

*Réplika*<sup>8</sup> são totalmente benéficos, fazem com que as pessoas se sintam bem pois não há atritos ou problemas nessa “relação” do usuário com a máquina, ao contrário do que pode acontecer ao lidar com outro ser humano. As redes sociais podem funcionar da mesma maneira, elas são sedutoras pela ideia de compartilhar seu dia a dia e se conectar com pessoas iguais a você, mas as redes também são sedutoras pelo motivo de preencherem (ainda que de forma superficial) uma necessidade humana: o pertencimento. A internet parece acolhedora quando alguém se sente deslocado socialmente porque na Internet todos são “bem-vindos”, o problema é que muitos se prendem a essa comunidade virtual e não buscam criar laços reais com pessoas ao seu redor, ao mesmo tempo que acolhe virtualmente potencializa o isolamento social (isso foi mais potencializado ainda com a pandemia da Covid-19, onde houve o isolamento obrigatório). É mais fácil se relacionar virtualmente, você interage com o que quer e caso algo te incomode você pode simplesmente optar por não ver mais.

Hoje as redes sociais e as interações virtuais também viraram régua de medida até mesmo para as relações afetivas, a forma como você interage virtualmente com a pessoa que você se relaciona influencia na relação. Postar uma foto ou curtir uma postagem é como uma demonstração de afeto, assim por exemplo, não interagir com o outro pode significar desinteresse ou falta de afeto.

Os problemas vão além do problema do inferno do igual e da dificuldade de lidar com o diferente, podemos também ver que as redes sociais são capazes de fazer com que sintomas ansiosos e depressivos surjam, não sendo causadores da doença em si, mas como potencializadores no desenvolvimento de sintomas relacionados à ansiedade, transtorno de déficit de atenção e depressão.

O Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) é um transtorno neurobiológico que algumas vezes pode até mesmo necessitar de algum tipo de medicamento psicotrópico. Apesar de ser considerado um distúrbio neurobiológico hoje temos estudos que comprovam como o ambiente e a influência da relação homem e ambiente pode impactar de forma significativa nos seus sintomas. Hoje temos evidências que o uso intenso das mídias sociais pode fazer com que as pessoas desenvolvam sintomas semelhantes ao transtorno de déficit de atenção, e que em caso de pessoas que já possuem o diagnóstico o uso intenso das mídias pode agravar os sintomas (OLIVEIRA, SILVA, CARDOSO, 2021). Tem sido cada vez mais comum o diagnóstico de TDAH em pessoas que fazem uso intenso das redes sociais, os usuários apresentam sintomas como: distração, impulsividade, ansiedade, problemas de

---

<sup>8</sup> <https://replika.com/>. Acesso em 30 de Julho de 2023.

sociabilidade (OLIVEIRA, SILVA, CARDOSO, 2021) e por sua vez apresentam dificuldades nas relações interpessoais. O uso excessivo das redes sociais também pode levar ao desenvolvimento de problemas como transtornos alimentares e problemas de sono.

A relação da autoimagem e o uso das redes sociais é atualmente um dos principais motivos que fazem com que surjam transtornos alimentares. A preocupação excessiva com a própria imagem e a insatisfação são hoje fatores de influência significativa no desenvolvimento de problemas de autoimagem, problemas esses que podem levar a desenvolver por exemplo anorexia (distúrbio alimentar resultado da preocupação exagerada com o peso corporal, podendo provocar problemas psiquiátricos graves).

“*Surgery is the new sex*” é uma das frases mais marcantes de *Crimes of the future* (2022), obra cinematográfica dirigida pelo cineasta David Cronenberg (já conhecido pelo seu repertório *body horror*), a película fala sobre um mundo onde o corpo humano está passando por novas mudanças, surgindo órgãos ainda desconhecidos, essa evolução é motivo de encanto para alguns. Mesmo com a obra se passando em um universo distópico, a frase sussurrada pela personagem Timlin nos leva a pensar sobre nosso próprio cenário atual: a compulsão pela intervenção cirúrgica, o aumento de procedimentos estéticos.

É cada vez mais comum que os procedimentos estéticos tenham como referência fotos onde foram aplicados filtros de imagem, o que gera uma expectativa sobre algo irreal, com isso chega-se a um nível de alienação onde não se reconhece o próprio corpo e se vive em uma constante insatisfação, a ideia de fracasso não é apenas sobre seu trabalho e sobre o que produziu, mas é também sobre a produção de si próprio levando em conta até mesmo as questões estéticas. Essa preocupação a respeito da própria aparência é um dos sintomas do sujeito de desempenho. O que é considerado uma “boa aparência”, é aquela que corresponde ao padrão de beleza estabelecido ou se aproxima dele, a preocupação excessiva sobre a própria aparência é uma demonstração de uma sociedade narcisista e está ligada à necessidade de se expor, pois se você corresponde ao padrão de beleza vigente então você terá mais *likes*. Dito isso, é permitido afirmar que a questão do desempenho ultrapassa a esfera da produção de trabalho e de consumo, então surge também uma nova forma de exploração do corpo que está ligada a imagem. O usuário explora sua própria imagem e a torna um espetáculo, seu perfil virtual com fotos e descrições se torna seu rosto virtual, assim aplicativos como Instagram (que se baseia em compartilhamento de fotos) se tornam uma rede de *vitrines*.

Essa constante busca de ser validado pelo outro (que é o que ocorre quando um usuário se esforça para conseguir mais *likes*) pode gerar sofrimento, podendo levar as pessoas a desenvolverem sintomas ligados à depressão e ansiedade, como foi identificado no estudo *Status*

*of Mind* (RSPH, 2017). A comparação excessiva gera angústia pois ela vem acompanhada de uma autocobrança. Estar fora do padrão de beleza pode provocar sentimentos de inadequação e sensação de fracasso.

A indústria estética é um exemplo de como a insatisfação é dinâmica essencial para o mercado, os padrões da indústria da beleza estão em constante mudança, essas mudanças ocorrem para que as pessoas estejam sempre descontentes sobre si mesmas, eles são constantemente renovados para que continue sempre como algo a ser alcançado, como se o sujeito nunca possa estar satisfeito o suficiente para que não precise de nenhuma modificação ou nesse caso procedimentos estéticos (o imperativo de desempenho funciona da mesma forma). O objetivo é sempre algo que quando está perto de ser alcançado ele muda. Se você está satisfeito sobre sua aparência ou sobre seu desempenho, você não irá buscar por mais procedimentos estéticos e você não viverá em constantemente se cobrando. Padrões são construídos para que sejam inalcançáveis.

O discurso de positividade afirma que você deve estar feliz com sua aparência, feliz com seu corpo e que é importante se aceitar, mas você deve se aceitar se você corresponder ao padrão, e então vendem a ideia de que você é aceito como é, porém, há sempre algo que pode ser melhorado. As *selfies* e os filtros de foto nas redes sociais são exemplos disso na prática.

As falsas expectativas não se limitam apenas à questão estética, elas também podem surgir em relação ao estilo de vida. Nas redes os perfis e a vida montada pelos usuários não correspondem ao que é real e natural, o que é exibido pelas redes sociais é uma montagem feita apenas de recortes da vida do sujeito, aqui se aplica também o problema da positividade uma vez que o que é propagado é o imperativo da positividade e isso é reforçado constantemente. Novamente os *influencers* ocupam um papel importante nessa dinâmica, já que através de vídeos e fotos eles reforçam o exagero de positividade.

O sentimento de inadequação gera mais insatisfação. Percebe-se a importância da insatisfação na sociedade de desempenho, uma vez que a insatisfação se torna motor para mais consumo.

## **2.4 Imperativo de transparência**

Hoje, por conta da internet e das redes sociais nós nos comunicamos de outra forma, a comunicação digital propiciou uma comunicabilidade acelerada com a possibilidade de falar com um grupo enorme de pessoas, com a possibilidade de falar com centenas de pessoas de forma simultânea, mas isso não é necessariamente um progresso para as relações humanas. A comunicação digital também apareceu com uma promessa onde o usuário é beneficiado, promete uma economia de tempo e a facilidade de não precisar sair de casa, só que dessa forma

a presencialidade vai sendo substituída pela virtualidade. O toque ou um abraço vai sendo substituído por interações virtuais. Essa mudança é estimulada no dia a dia, fazendo essa substituição parecer um processo natural, mas o estímulo que há em prol da comunicação digital não é tão despretensioso, mais tempo nas redes sociais significa mais consumo e significa também um maior tráfego de dados. Dessa forma, a comunicação também é explorada, a comunicação se torna algo rentável.

Na virtualidade hoje, a comunicação perde suas características básicas, que é a atenção exigida em uma conversa e a criação de laços mais profundos. A comunicação digital não é necessariamente um diálogo, muitas vezes soa como um monólogo, já que é uma comunicação unilateral, nela as vozes ecoam, mas não ressoam, o eco é a voz que se pronuncia e não tem retorno, o único retorno é sua própria voz e buscamos o outro até o ponto que ele se assemelha conosco mesmos, só os iguais se conectam e assim “somos doutrinados com nossas próprias ideias” (HAN, 2021c, p.11). Ao contrário, em ressonância que pressupõe vínculo e não necessariamente com comunicação.

Han analisa as implicações de uma comunicação assim. A comunicação também é considerada uma forma de conclusão, e a falta de conclusão é constituinte de uma época em que se elevou os níveis de aceleração onde não é possível concluir nada, a falta de conclusão implica em uma falta de sentido. A Síndrome de Fadiga de Informação é uma síndrome reflexo da aceleração e do acúmulo de informações hoje, (HAN, 2018a) os afligidos reclamam de estupor crescente das capacidades analíticas, de déficits de atenção, de inquietude generalizada ou de incapacidade de tomar responsabilidades”, comunicação acelerada e informação são faces de uma mesma sociedade.

Nessa comunicação, que mudou a percepção de tempo e desfez a distância, o outro enquanto um perfil virtual é alguém que deve estar disponível a mim a qualquer hora, aqui também prevalece um caráter imediatista. Este na comunicação virtual caracteriza uma sociedade onde tudo precisa estar disponível o tempo todo, assim não se tolera a espera, o sujeito do desempenho precisa seguir seu fluxo de ritmo rápido, não tolera a demora. Surge então a *transparência* que vai eliminando qualquer tipo de negatividade, atrito, em prol de uma comunicação mais rápida. “A comunicação alcança sua velocidade máxima ali onde o igual responde ao igual, onde ocorre *uma reação em cadeia do igual*” (HAN, 2017a, p. 11). Em relação a isso, as redes sociais são ainda mais sedutoras pois através das bolhas digitais, elas promovem um certo conforto. Vale lembrar, que hoje a comunicação virtual vai além de conversar com alguém que realmente existe na realidade física, aplicativos como (o anteriormente citado) *Replika*, permitem a comunicação entre um usuário e uma inteligência

artificial, que molda sua interação de acordo com as respostas que o próprio usuário alimentou, é como se o usuário estivesse o tempo todo interagindo consigo mesmo, o ápice da uma comunicação narcisista. Presos nessa dinâmica não há qualquer possibilidade de desenvolver qualquer relação profunda com pessoas reais, todo afeto não é investido no outro, mas apenas em si.

Na sociedade de transparência não há o que descobrir, nada se esconde, e nós nos tornamos transparentes de forma voluntária. A autoexposição implica na transparência, é em prol de uma transparência absoluta que a comunicação é estimulada, comunicação e autoexposição agem mutuamente, uma através da outra, elas são assim os recursos principais da transparência<sup>9</sup>. A sociedade da positividade é uma consequência da sociedade da transparência (HAN, 2017a), uma vez que onde a negatividade é eliminada há uma positivação, tornando a sociedade uniformizada (*gleichgeschaltet*) e assim passível de cálculo.

O imperativo de transparência também modificou a forma como as pessoas se relacionam amorosamente, a transparência dá fim ao jogo da sedução uma vez que o outro está sempre disponível e exposto para mim, não há o que ser descoberto. A transparência facilita uma relação narcisista, uma vez que através da transparência ela permite que eu busque apenas alguém que eu saiba previamente que corresponda a minha vontade, às características que correspondem a meu próprio desejo, permite que eu encontre alguém que seja meu reflexo. Em aplicativos de relacionamento, como por exemplo o *Tinder*, é possível que o usuário coloque as características mais variadas para que outros usuários possam analisá-las antes do “curtir”. Existem outros aplicativos semelhantes que você pode até mesmo filtrar os perfis que aparecerão para você usando um filtro do que é semelhante com seu perfil e excluindo os que não são semelhantes. Tudo isso em nome de uma praticidade.

As grandes opções de escolhas, que estão dentro do imperativo de consumo e quantidade que há dentro das próprias relações hoje, tornam os laços duradouros ainda mais raros e mais frágeis. “Hoje, o amor estaria desaparecendo por causa da infinita liberdade de escolha, da multiplicidade de opções e da coerção de otimização” (HAN, 2019b, p.7). Seguindo uma dinâmica de desempenho, qualquer coisa que não se enquadra nessa condição é abolida. Na sociedade do desempenho o amor desaparece, uma vez que não é construído nenhum laço profundo, não há tempo e nem disposição para a construção desses laços. Relações curtas e casuais se mostram como algo positivo, pois evitam a “dificuldade” e “demora” das relações profundas. Ao falar de relacionamentos, eu não poderia deixar de citar o sociólogo polonês

---

<sup>9</sup> Comunicação e autoexposição estão ligadas a ideia de liberdade de poder, como citado no primeiro capítulo.

Zygmunt Bauman, que já percorria o caminho que hoje Han retoma, Bauman anunciou que vivemos em uma modernidade líquida, onde o amor também é líquido, e ele já denunciava o problema das infinitas escolhas e das relações superficiais ao discorrer sobre as redes sociais. As pessoas renunciam o amor em prol de relações mais práticas. As relações líquidas, que Bauman (BAUMAN, DONSKIS 2014) chamou de *relações puras*, são relacionamentos onde não há compromisso com o outro e nem responsabilidade afetiva, onde a pessoa que o sujeito se relaciona é como um objeto passível de ser descartado, essas relações são apoiadas e estimuladas por um discurso narcisista que entende a falta de compromisso com o outro como uma afirmação da liberdade individual, e dessa forma se comprometer com o outro significa uma limitação da própria liberdade do sujeito (lembrando que para Han, a ideia de uma liberdade individual é um reflexo do próprio neoliberalismo).

Se não é possível criar vínculos então também não é possível uma comunidade. Outro motivo pela qual não se constrói comunidades reais é a falta de confiança devido à transparência. “A confiança é um ato de fé [*Glaubenakt*], que se torna obsoleto em vista das informações facilmente disponíveis” (HAN, 2018a, p. 121). A confiança reside naquilo que se esconde, não é desnudo, no limite do que se pode se ver do outro e pelo outro não estar exposto nasce a necessidade de se confiar, o que aprofunda a relação, as relações atuais não necessitam de confiança pois ambos já estão expostos, a confiança é substituída pelo controle. Mas de forma paradoxal, o controle dentro de uma relação não gera confiança, mas na verdade gera mais desconfiança [*Misstrauen*], uma vez que se cria uma compulsão e uma necessidade constante de verificar e controlar, a palavra do outro já não é mais suficiente, isso também gera uma sensação constante de alerta. É na confiança que é possível a ação livre, e é também na confiança com o outro que se formam as comunidades, comunidades não se constroem sem pessoas que confiam.

## **2.5 Erosão da capacidade política**

As redes sociais geraram um absoluto estar próximo, elas retiraram totalmente a distância que havia um do outro. Essa distância (HAN, 2019) é essencial para uma comunidade, uma vez que é assim que o respeito mútuo é possível. Han (2018a) considera a falta de respeito hoje, como uma expressão de uma sociedade em que não há mais distância, respeito (derivada do alemão *Rücksicht*) significa um olhar para trás, um olhar de volta. Só é possível olhar para o outro através da distância e do abandono do narcisismo, é necessário hoje o *páthos da distância* (HAN, 2018a), a distância é condição de possibilidade de um olhar para outro. Hoje na era da comunicação digital a distância não foi substituída pelo estar próximo, mas ela foi totalmente anulada, o outro aparece então como espetáculo (do latim *spectare*), ou seja, o outro

aparece como objeto a ser observado, como alguém que me serve como um espetáculo que me causa no máximo espanto ou que vejo como concorrente, trazendo consequências para o âmbito político. Um dos pilares da democracia é o pensar coletivo, mas não há o pensar coletivo sem o páthos da distância, uma sociedade democrática conta com a ideia de um respeito mútuo e de um bem-estar em conjunto. “O respeito é o alicerce da esfera pública’ (HAN, 2018a, 12). Se os cidadãos não se respeitam e não se preocupam com um coletivo, estarão sempre fechados para si mesmos, por isso a crise da democracia se refere também a uma crise da comunidade. “Essa proximidade digital presenteia o participante com aqueles setores do mundo que lhe agradam. Com isso, ele derriba o caráter público, a consciência pública; sim, a consciência crítica, privatizando o mundo” (HAN, 2017a, p. 81). Serão expostas razões pelas quais podemos afirmar que passamos por um tempo em que se torna cada vez mais difícil uma ação política legítima e apontar para uma crise da democracia.

Observando as mudanças do desenvolvimento da sociedade moderna, Gustave Le Bon (citado pelo próprio Byung-Chul Han) apontou para um novo tipo de força, um poder que não se baseia apenas na voz dos soberanos: o poder da *massa*. Le Bon considera a modernidade como a Era das massas, onde indivíduos formam um coletivo, com capacidade de ação política, caracterizada por sujeitos que possuem vontade e objetivo comum, e movidos por uma ideologia. Se contraponto a ideia de massa do filósofo francês, Han (2018a) teoriza sobre uma nova transição social, o surgimento do que ele nomeia de *enxame*, uma tendência de coletivo próprio das sociedades neoliberais, um grupo volátil que não possui alma [Seele] ou espírito [Geist], o enxame é um conjunto de sujeitos individualizados, que seguem de maneira disforme e desordenada sem ideologia que ampare, onde não há uma vontade coletiva e nem possibilidade ação política. O regime da informação singulariza as pessoas (HAN, 2018a), por isso os enxames não conseguem adquirir capacidade de ação política, em Le Bon há um abandono da individualidade em prol de formarem uma união maior, o coletivo sobrepõe a individualidade, enquanto no enxame a individualidade narcisista é que opera, por isso a dificuldade de ação política. O homem da massa tem um maior senso de comunidade do que o sujeito do enxame. Aquele que Han (HAN, 2018a) chama de “*Homo digitalis*” é tudo menos um homem da massa, pois o homem da massa não reivindica nenhuma identidade, enquanto o *homo digitalis* luta para mostrar seu perfil, podem querer agir de forma anônima (quando lhe é conveniente) mas geralmente ele possui um perfil, uma identidade privada e luta para mostrá-la. “O mundo do *homo digitalis* aponta, além disso, para uma topologia completamente diferente. São estranhas a ele especialidades como estádios ou anfiteatros, ou seja, lugares de reunião de massas” (HAN, 2018a, p. 29), Han atribui “lugar” à uma particularidade presente na

massa, enquanto o *homo digitalis* que habita a virtualidade não se reúne, no enxame falta a *interioridade da reunião*, que também aparece como característica de coesão. A sociedade está sendo abarcada por uma fragmentação geral do comunitário, o enxame é um dos retratos dessa fragmentação.

É evidente e compreensível a afirmação de Han (2018a) que não há espaço para a revolução na sociedade do consumo. O enxame digital não se revolta propriamente, ele apenas fica indignado e o que faz é demonstrar sua insatisfação, por isso, o enxame e ondas de indignação estão associadas, Han chega até mesmo a afirmar que estamos em uma Sociedade da indignação. A indignação que se expressa através da internet é a forma de manifestação do *homo digitalis*, a sociedade de indignação tenta conquistar algo através de medidas contingentes com discursos emotivos, escândalos e comoções passageiras, que não confere qualquer valor positivo à esfera pública. As enxurradas de indignação seguem o mesmo fluxo que o das informações, passam rapidamente e sua efetividade é baseada no quanto ela consegue afetar o outro, é uma forma de se manifestar que se preocupa mais em ser afetiva do que efetiva. A ação daqueles que se indignam se baseiam nos cliques de “não curtir” e em comentários negativos, a onda de cancelamento que constantemente se volta contra alguém é um exemplo claro disso. Os enxames que se indignam através das redes sociais, não promovem nenhum diálogo, já habitam um espaço de comunicação narcisista. Aqueles que constituem o enxame, são cidadãos que não se comportam mais como eleitores, mas se comportam mais como consumidores. “Na ágora digital, onde local de eleição e mercado, polis e economia se tornam o mesmo, eleitores se comportam como consumidores” (HAN, 2018a, p.118). A responsabilidade pela comunidade caracteriza o cidadão, e como consumidor o eleitor não tem nenhuma responsabilidade, ao mesmo tempo que reclama da política ele não se sente responsável por ela. Han menciona que inicialmente no processo democrático, o livro era a mídia determinante, e o público pensante também era essencial (HAN. 2022a), agora os livros são substituídos pelas mídias eletrônicas de massa, o que já representa um problema para a democracia, principalmente hoje onde somos atingidos pela enxurrada de informações. Hoje temos mais acesso à informação, porém a expectativa de que um maior acesso à informação significaria um progresso político não está sendo cumprida.

Com a substituição dos livros pelas mídias eletrônicas, a midiocracia foi crescendo em consonância com outro problema: o infoentretenimento. Como Han afirma, o infoentretenimento já era apontado como um problema por Neil Postman, que considerava o infoentretenimento como a raiz da crise democrática. Na midiocracia até mesmo a política é submetida a lógica das mídias de massa, então o entretenimento passa a mediar os conteúdos

políticos, contribuindo com a fragmentação da racionalidade (HAN, 2022a). Dissolvendo o limite entre ficção e realidade as informações são transmitidas como espetáculos, conteúdos de esferas distintas se misturam e por consequência a política se reduz a encenações midiáticas. Nos debates políticos televisivos o que vence é a performance dos políticos, assim muitos apelam a um comportamento teatral para ganhar eleitores. Nos debates políticos e fora dele somos afetados por informações, esses afetos são mais rápidos do que a racionalidade, afetos são instantâneos, por isso Han usa o termo comunicação afetiva, “nelas o não prevalecem os melhores argumentos, mas as informações com maior potencial de estimular” (HAN, 2022a, p. 37). O infoentretenimento se efetiva também por meio da comunicação afetiva.

Na era dos dados, um dos benefícios prometidos é de que com acesso às informações as pessoas poderiam discernir melhor as coisas, adquirir conhecimento para fazer um juízo correto, mas o que acontece hoje vai em direção oposta a isso. É justamente pelo excesso de dados que as pessoas não conseguem nem mesmo processar a informação, nem conseguem discernir o que é falso ou o que é verídico. Temos uma sociedade com alto fluxo de informação, mas que carece de conhecimento. Isso também afeta diretamente a política, o espetáculo político conta com eleitores que não conseguem discernir ou ter senso crítico, por isso os eleitores se deixam levar pela performance teatral dos debates e pelo comportamento do político na internet.

## **2.6 A promessa dos dados e a racionalidade digital**

A internet também tem se manifestado como um problema para a política, tanto pelo regime de informação, quanto pela exploração de dados. O excesso de informações, a exploração de dados e o dataísmo, agem mutuamente contribuindo para uma Erosão da esfera política. O dataísmo é um regime de dados onde a inteligência artificial a partir do processamento de dados, será responsável por reger processos sociais, econômicos e políticos. “Chamamos de regime de informação a forma de dominação na qual informações e seu processamento por algoritmos e inteligência artificial determinam decisivamente processos sociais, econômicos e políticos” (HAN, 2022a, p. 7), prometendo certeza total e absoluta.

Na perspectiva dataísta, políticos e eleitores serão considerados desnecessários, as decisões serão tomadas por especialistas que irão analisar os dados. O dataísmo surge como uma nova religião onde os dados tomam o lugar das divindades, os valores dessa nova religião consistem em coletar dados e processá-los (CHAVES, 2017), sendo o processamento de dados o ritual principal. Han faz uma aproximação entre dataísmo e totalitarismo, no totalitarismo clássico há sempre uma narrativa a ser contada, uma totalização sobre o passado e presente, enquanto o dataísmo não conta histórias ou narrativas, o big data apenas expõe dados (HAN, 2022a), um totalitarismo não ideológico:

“A ideologia como explicação total do mundo. A ideologia como narrativa promete a explicação total de tudo que acontece historicamente, e também explicação total do passado, o conhecimento total de si no presente e o prognóstico confiável do futuro”. A ideologia como explicação total do mundo suprime toda experiência contingente, toda incerteza (HAN, 2022<sup>a</sup>, p 20.)

O dataísmo é movido pela lógica algorítmica e não por uma narrativa, neste regime o discurso aparece como um empecilho que torna o sistema lento (HAN. 2022a).

Apontando para um regime de informação, Han entende que o termo *midocracia* já não se enquadra mais, hoje vivemos em uma *infocracia*, não só o mero entretenimento é usado como forma de controle, mas sim as informações. Han afirma isso ao observar o que todos também podem ver: o impacto das informações direcionadas e da *fake news*. *Bots sociais*, *contas-fakes*, calúnias e comentários de ódio distorcem o debate político, características presentes na infocracia (HAN. 2022a). As pessoas não são passivas como em um totalitarismo tradicional, mas aqui eles são ativos, eles produzem e consomem, e são eles que dão seus dados por escolha própria. O fluxo de informações é alto, e a para isso é exigido um fluxo intenso de comunicação, assim, segue a mesma lógica de aceleração que a sociedade de desempenho exige. “A embriaguez de comunicação que assume, pois, formas viciadas, compulsivas, retém as pessoas em uma nova minoridade” (HAN. 2022<sup>a</sup>, p. 34). A aceleração corrói e torna impossível o discurso, devido à *proliferação informacional*. Chega-se a um ponto onde a informação é deformadora e a comunicação é acumulativa (HAN, 2018a), o acúmulo de informação não implica em produção de conhecimento.

As informações, de forma isolada, não produzem conhecimento, elas necessitam da racionalidade discursiva, necessitam de interpretações que demandam um trabalho reflexivo, sem isso um dado pode ser distorcido a favor de afirmações diferentes. A racionalidade digital não requer nenhum discurso ou demanda narrativa, o regime de informação promete que a racionalidade digital é a mais eficiente, não necessita de uma discussão e nem requer debate ou necessidade de outras áreas do conhecimento, na verdade esses últimos aspectos são encarados como desnecessários. A racionalidade digital se opõe a racionalidade comunicativa (Jurgen Habermas), a comunicativa pressupõe uma ordem de discurso, que é constituído pelo diálogo com o outro. “O discurso é um ato comunicativo que tenta obter um entendimento face às diferentes reivindicações de validade” (HAN. 2022a, p. 60). O discurso exige fundamentação que por sua vez exige argumentação, por isso na racionalidade comunicativa é possível aprendizado” (HAN. 2022a). A racionalidade comunicativa está entrelaçada com a *ação comunicativa*. Não é possível ação comunicativa no regime de dados, a ação comunicativa é vista como um processo ultrapassado.

A crítica que Han faz hoje ao dataísmo, é a mesma crítica que Horkheimer já havia feito

em relação ao pragmatismo no século XX. Ambos buscam resultados imediatos e soluções a curto prazo já que se voltam para uma ideia de “praticidade”. O dataísmo é uma medida pragmática. “O pragmatismo reflete uma sociedade que não tem tempo para recordar e meditar” (HORKHEIMER, 2015, p. 53)<sup>10</sup>, o dataísmo reflete o mesmo e ainda promete um saber digital total ainda que não aprofundado, e dessa forma, torna o discurso supérfluo (HAN. 2022a).

A racionalidade comunicativa é caracterizada pela presença do outro. Abandonamos nossas convicções por um momento, a fim de escutar o outro e a fim do outro me escutar e para que eu me escute através do outro. “Apenas a *voz do outro outorga* ao meu comentário, minha opinião, uma qualidade discursiva. Na ação comunicativa, tenho que imaginar a possibilidade de que meu comentário seja posto em questão pelo outro” (HAN. 2022a) assim é necessário a democracia, a presença do outro e a imaginação. “Sem a presença do outro, minha opinião não é discursiva, muito menos representativa, mas autista, doutrinária e dogmática” (HAN. 2022a, p. 51). A falta do discurso, da capacidade imaginação, da presença do outro está ligada a questão do desaparecimento do outro, a crise da democracia também é reflexo de uma sociedade narcisista. Na racionalidade digital, além de faltar o outro, segundo HAN (2018a) também falta a capacidade de distinção entre o essencial e o supérfluo, o autor culpa o excesso de informações como a razão do problema, mas parte da ideia de que a responsabilidade pelo problema se deve também ao aumento do infoentretenimento, pois além do alto fluxo de informações, a junção de informações necessárias com informações desnecessárias e até fictícias, contribui com uma racionalidade onde é difícil distinguir ambos. Informações supérfluas ganham o mesmo peso que as informações essenciais. Não é possível uma democracia sólida em uma sociedade narcisista e moldada por uma racionalidade deficitária.

## **2.7. As bolhas digitais**

O reflexo das comunidades digitais está presente da política também. Anteriormente, falei sobre a ideia de *enxame*, mas além do enxame temos as bolhas (ou tribos) digitais. As tribos digitais são grupos de pessoas com interesses e crenças em comum que se formam virtualmente. A racionalidade comunicativa é fraca entre as tribos digitais, pois, devido às bolhas informacionais essas tribos não sentem a necessidade de se comunicar com o outro ou buscar novas informações, já que para esses indivíduos as informações que chegam até eles são suficientes. As bolhas informacionais cooperam com a deterioração da política, uma vez que

---

<sup>10</sup> Horkheimer também já denunciava o pragmatismo como um saber contingente. No pragmatismo, não há uma verdade sólida, e as soluções são pensadas em questão de utilidade e de prática, dessa forma é um saber limitado e instável. Nele também não a verdade excludente, ao ser uma prática em que os resultados variam, logo tudo pode ser válido, assim, está submetido ao perigo de ser um saber que se molda e tem seus resultados influenciados pelo poder vigente ou pela ideia dominante.

com a racionalidade digital, elas tendem a acreditar naquilo que sustenta seu próprio pensamento. Outro problema é que algumas informações que divergem da opinião de um grupo nem mesmo chegam até eles, uma vez que hoje é possível direcionar conteúdos específicos para grupos específicos. Os *dark ads* representam um perigo para democracia, uma vez que a partir do momento que cada um recebe uma informação diferente, a auto-observação da sociedade é anulada e assim a esfera pública é fragmentada (HAN. 2022a). Ao mesmo tempo, para esses grupos não há problema se é falso ou verdadeiro, essas tribos digitais apesar de se privatizarem, elas muitas vezes têm consciência de que algo não é verídico. Nas *fake news*, a lógica perde a sua importância, a contradição não é um problema, por isso elas não se assemelham a uma mentira comum, aquela mentira que nega algo, mas elas atuam desfactizando a própria realidade, assim perde-se a solidez, a perda da solidez torna tudo manipulável (HAN. 2022a). A digitalização ocorre como um processo que segue desfactizando, enquanto a verdade tem a facticidade como uma de suas características.

Vemos que nas tribos também permanece a dinâmica de enxergar um outro como concorrente, mas nesse caso, as tribos enxergam uma as outras como concorrentes a serem combatidos. “Faz da identidade em um escudo ou uma fortaleza que rechaça toda outridade. A tribalização progressiva da sociedade é uma ameaça à democracia. Leva a uma ditadura da identidade e da opinião tribalista que carece de toda racionalidade comunicativa” (HAN. 2022a, 61). Muitos grupos aderem a discursos de ódio e a teorias das conspirações pois isso lhe oferece um senso de identidade e pertencimento, e justamente por eles estarem em uma racionalidade deficitária é muito mais fácil tomarem como verdade qualquer tipo de informação. Aqui se dão duas vias: acreditar na informação por conveniência ou acreditar por causa da incapacidade de discernimento. Levando em conta um sistema de infocracia onde apenas os dados são suficientes, esses grupos se aproveitam disso para oferecer a interpretação que for melhor para eles.

Ainda que de forma fictícia, teorias da conspiração também conseguem criar uma nova percepção da realidade, e por adquirir aspectos semelhantes à narrativa, acabam ganhando ainda mais convicção e parecendo mais reais (HAN. 2022a). As teorias da conspiração necessitam de contar uma história, nisso elas se diferem das simples informações, das informações isoladas. Com sua explicação total ou mentira total, aniquilam insegurança e incerteza” (HAN, 2022a). Elas também agem como uma forma de coesão de um grupo, por isso a identidade instável aparece como uma característica dos grupos que aderem a esses discursos, a falta de narrativa (que é capaz de promover um senso estável de identidade) é suprida com o que Han (2022a) chama de *micronarrativas*, assim os adeptos das teorias da conspiração sustentam sua crença

como uma forma de sustentar sua própria identidade, micronarrativas que dentro desses grupos são repassadas como uma explicação totalizante, e assim, impedindo qualquer tom de incerteza ou segurança. É a incerteza que impulsiona a verificação.

Grupos que aderem à teoria da conspiração também tendem (enquanto grupo) ter uma autoestima elevada. A teoria da conspiração (através da explicação totalizante) oferece uma espécie de superioridade a quem acredita nela, assim eles tendem a se comportar de forma autoritária, pois eles acreditam que eles devem guiar a sociedade ou julgam que os outros não conseguem perceber o que eles percebem, como se eles tivessem um certo acesso privilegiado<sup>11</sup>. O sujeito que acredita em uma dessas micronarrativas tem a ideia de que seu grupo se difere dos outros grupos, que eles são os únicos capazes de “enxergar” a verdade. Essas teorias também se comportam muito como um espetáculo, pois muitas vezes por se distanciarem da realidade, é que acabam ganhando ainda mais seguidores.

Um outro problema em relação à internet, é que o algoritmo não distingue o conteúdo em si, ele não compreende a particularidade do conteúdo, assim um conteúdo ofensivo ou um discurso de ódio ou *fake news* são propagados da mesma forma de qualquer conteúdo, uma das promessas da inteligência artificial, era justamente parecer “imparcial”, assim todos os conteúdos podem ser disseminados de forma semelhante, mas essa programação da A.I, acabou dando brechas para, por exemplo, disseminação de conteúdos racistas. Também se nota que a inteligência artificial pode propagar estereótipos, alguns afirmam que o algoritmo só é um reflexo da sociedade, mas a questão é que independente do algoritmo ser alimentado com nosso comportamento, ele é capaz de reforçar mais ainda esse problema. Um exemplo, o padrão de beleza tende a relacionar pessoas com traços europeus a um perfil do que é considerado bonito, se você acessar o site Google e procurar por “mulheres bonitas” no resultado aparecerão uma maioria esmagadora de mulher magras, com cabelo liso e o rosto com traços finos e dentro desse padrão a maioria será mulheres brancas, dessa forma, é evidente que a inteligência artificial também é capaz de reforçar estereótipos uma vez que ela apenas processa dados mas não compreende essas particularidades. Mais uma vez também isso nos mostra a deficiência em relação aos dados.

## **2.8 Implicação da vigilância de dados na democracia**

Para além do problema do regime de dados, que anteriormente falei sobre a sua implicação no que diz respeito a racionalidade, há um outro problema: a exploração de dados

---

<sup>11</sup> Percebe-se um movimento semelhante na religião, muitos grupos religiosos assumem que outras pessoas devem seguir sua religião, por (pela sua fé) terem certeza do que é certo e errado, ou do que é melhor ou pior para o outro.

que é usada para coletar, prever e moldar comportamentos. Shoshana Zuboff nomeia o século XXI como a “Era do capitalismo de vigilância”, em sua obra, que recebe esse mesmo nome, ela expõe como os dados estão sendo usados para fins lucrativos e de controle. Começo aqui com a definição do capitalismo de vigilância: uma nova ordem econômica que reivindica a experiência humana como matéria-prima gratuita para práticas; uma nova arquitetura global de modificação de comportamento; uma mutação do capitalismo; estrutura que serve de base para a economia de vigilância (ZUBOFF, 2021). Uma ameaça significativa para a natureza humana. “Um movimento que visa impor uma nova ordem coletiva baseada em um saber e certeza total... Uma expropriação de direitos humanos críticos que pode ser bem mais compreendida como um golpe vindo de cima: uma destruição da soberania dos indivíduos” (ZUBOFF, 2021, p.11)

O capitalismo de vigilância e o totalitarismo de dados são faces de uma mesma sociedade, que caminha para uma apropriação da vida do homem através dos dados. O capitalismo de vigilância é parte da psicopolítica, uma vez que a vigilância e o processamento de dados operam em prol de uma intervenção na vida humana a partir da esfera mental. “O poder instrumentário conhece e molda o comportamento humano em prol das finalidades de terceiros” (ZUBOFF, 2021, p.19). Assim o que Zuboff entende por poder instrumentário é similar ao que Han chama de psicopolítica, formas de poder que atuam na mente que correspondem a interesses econômicos, hoje aqueles que detém os dados e que os compram, são os que tem real poder. A tecnocracia é a expressão pura de uma sociedade onde a tecnologia (aliada aos interesses econômicos) ultrapassou a política. Nick Couldry e Ulises Mejias fazem uma denúncia similar, eles chamam de colonialismo de dados<sup>12</sup>, alertam para as consequências do uso da tecnologia para fins lucrativos, afirmam que estamos sob uma nova forma de colonização ainda mais danosa uma vez que age em um ponto onde é possível minar a própria autonomia do sujeito a partir da influência que consegue exercer sobre as vontades e as ações do indivíduo em um nível pré-reflexivo muito mais eficiente, convergindo poder econômico e poder cognitivo. “O rastreamento de assuntos humanos, que é essencial para o colonialismo de dados, é incompatível com a integridade mínima do eu que sustenta a autonomia e a liberdade em todas as suas formas” (COULDRY; MEJIAS, 2019, p. XV, tradução nossa).

Uma articulação central das empresas é justificar suas ações afirmando-as como necessárias, declaram como se a vigilância e exploração de dados fosse a própria tecnologia (ZUBOFF, 2021), enquanto na verdade o problema é a forma de como a tecnologia é usada.

---

<sup>12</sup> Para mais, leia: The Costs of Connection: How Data Is Colonizing Human Life and Appropriating It for Capitalism (Culture and Economic Life).

Como afirmado anteriormente, há uma tentativa deliberada de fazer parecer natural o processo da troca da comunicação presencial pela comunicação digital, Couldry e Mejias (2019) apontam para uma nova “ideologia”, uma ideologia de comunicação, pois se comunicar digitalmente também é ao mesmo tempo se submeter à vigilância de dados. Uma forma que as empresas encontraram para causar um “menor atrito” é não negar a vigilância de dados, mas ao invés disso, mostrar que essa vigilância de dados e a venda deles é algo positivo, algo benéfico para o próprio usuário. Lembro-me que há alguns meses os jornais voltaram a falar da vigilância de dados e monitoramento na China, grande parte de comentários de usuários na internet (por exemplo, no Brasil) criticaram o governo, muitos afirmaram com veemência que isso não aconteceria em um país ocidental e entre outros comentários, porém, a vigilância de dados já era realidade fora China, o maior exemplo disso é o caso do *Cambridge Analytica*. Relato isso para evidenciar a manobra daqueles que exercem a vigilância, a proposta é que o usuário não deve se incomodar com a coleta de dados em si, ele deve se incomodar *com quem* coleta os dados, passando assim uma falsa autonomia ao usuário, para que ele julgue quando é válido ou não, sendo que quem realmente dita isso são aqueles próprios que vigiam e exploram os dados.

A infocracia é uma política baseada em informações que pressupõe uma forma de governar baseada em dados prometendo um conhecimento total, mas a infocracia por si só mina o processo democrático, uma vez que a partir do próprio processamento de dados e do uso deles, é capaz de nos tirar a autonomia, como afirmado por autores como Shoshana Zuboff, Couldry e Mejias. Democracia pressupõe autonomia e liberdade de vontade (HAN, 2022a). A promessa do saber total se torna possível, pois antes disso a intenção ao coletar dados é justamente influenciar o comportamento, moldando o comportamento é possível predizê-lo.

Han (2022a) afirma que falta aos dados o que ele chama de “práticas cognitivas” que são o saber, a experiência e compreensão, e é correto afirmar que essas são limitações dos dados, essas práticas não são positivadas, sendo assim, enquanto negatividades elas não são compatíveis com a infocracia.

O problema das bolhas de informação já é uma demonstração de como a tecnologia, aliada aos interesses econômicos, é perigosa à democracia, pois nelas o sujeito só tem acesso e só recebe informações que sustentam sua própria opinião. Tanto a coleta de dados para fins de consumo, como o problema das bolhas de informação e o processo de prever e moldar comportamentos, são possíveis devido a uma expropriação da privacidade. Como foi dito anteriormente, uma estratégia da vigilância de dados é justificar essa vigilância, ou seja, estamos nos referindo a um estratégia que se baseia em um discurso de que a privacidade é um atraso, quase banal. A privacidade é entendida como algo que deve ser superado, o que é mais

perigoso ainda para as próximas gerações já que elas estarão inseridas em um contexto em que a privacidade foi dissolvida e a transparência é o *modus operandi*. Logo, a preservação da privacidade é um dos primeiros passos necessário para conservar uma mínima autonomia.

### 3. A Salvação do eu: as condições para uma saída

Com a constante aceleração e narcisismo, perdemos pilares básicos que sustentam a vida. Se hoje somos vazios e instáveis é devido a uma crescente falta da capacidade de concluir. A conclusão como um processo longo e lento que necessita um “demorar-se junto ao outro”, não é possível em uma sociedade de desempenho. Sem a conclusão não é possível uma identidade e imagem de si estáveis (HAN, 2019b). No decorrer desse capítulo irei abordar as possibilidades de saída da atual crise, que foi exposta no decorrer desta dissertação. Em um primeiro momento, de forma breve falaremos da questão da verdade, e em seguida sendo uma das características mais importantes iremos falar sobre *narrativa*. A crise da narrativa está vinculada ao desaparecimento dos rituais. Han fundamenta a necessidade e o valor das narrativas a partir de uma releitura hegeliana e benjaminiana, onde as narrativas se tornam estruturas que tem um valor existencial e são capazes de estabilizar o espírito (ou seja, promovendo identidade, pertencimento e experiência, causando equilíbrio, bem-estar emocional e psíquico).

#### 3.1 Verdade como estabilidade

Para Byung-Chul Han, a *fake news* remete a uma crise da verdade. A importância da verdade na filosofia de Han vai para além da esfera epistemológica, ela permeia a esfera existencial. Além dos rituais, a verdade também aparece como forma de conclusão, se opondo ao regime de informação, Han defende o regime da verdade.

Verdade e informação possuem características distintas. A informação é aditiva e cumulativa, enquanto a verdade não permite o acúmulo, ao afirmar algo ela acaba por negar outro. Com sua capacidade de exclusão e negação, ela elimina toda contingência a ambiguidade, ao constituir narrativas ela promove sentido e orientação (HAN, 2022a). Essa negatividade que se manifesta como capacidade de distinção é própria do pensamento (HAN, 2018a), mas o regime de informação não tolera o pensar, a positividade enquanto processo de homogeneização estimula o consumo de informações. Na racionalidade digital falta a negatividade presente no pensamento, além das práticas cognitivas como o saber, a experiência e a compreensão.

O regime de informação não estabelece uma realidade baseada em mentira, mas ela segue suspendendo o peso entre verdade e mentira. “Passam a circular, então, informações totalmente desacopladas da realidade, formando um espaço hiper-real” (HAN, 2022a, p.81). Um universo desfactualado. É importante notar que Han afirma que vivemos em um espaço hiper-real, um universo desfactualado, mas não afirma que vivemos em uma mentira. A mentira nega algo e afirma outra no lugar, por isso é possível de ser combatida com a verdade. Já no universo desfactualado a mentira não toma o lugar da verdade, as informações colocam tanto uma quanto

a outra no mesmo nível, o que é ainda mais prejudicial pois a verdade perde sua força. Por essa característica, Han chama a crise da verdade de novo niilismo:

Nela não cabe mais o julgamento sobre o que é verdade e mentira, onde elas possuem peso diferentes, mas ao invés disso, a própria diferença, o próprio peso de valor entre elas é que foi anulado. “Quem é cego aos fatos e à realidade, constitui um perigo maior à verdade do que o mentiroso” (HAN. 2022a, p.85)

A digitalização ao desfactualar a realidade enfraquece a consciência da realidade (HAN, 2022). Han exemplifica as fotografias digitais como exemplo, as fotografias destroem a facticidade da realidade, pois a partir da manipulação das fotografias elas distorcem a realidade. A verdade também se manifesta como força revolucionária, porém Han coloca a verdade revolucionária como uma possibilidade dentro do contexto de uma sociedade autoritária, dentro do universo desfactualado, ela não tem o mesmo efeito (HAN, 2021c). Citando Heidegger, Han afirma que verdade é facticidade, sendo assim ela permite uma certa permanência e duração. “Ela resiste a todas as mudança e manipulações. Assim, ela constitui o fundamento da existência humana” (HAN. 2022c, p. 13). O conteúdo verdade sempre nos oferece uma narrativa, por isso ela tem a capacidade de nos estabilizar e nos orientar. A verdade tem aquele caráter da experiência que abre novas possibilidades, através da mudança, ela produz novas condições. Surge também como possibilidade de um novo estado de consciência. Sua força também consiste na solidez que rompe com toda contingência, Han (2022a) considera que o regime de informação produz desconfiças e por isso a sociedade também se torna instável, nisso a verdade surge como força que por romper com a ambivalência produz uma estabilidade social, através do consenso ela promove uma coesão social.

### **3.2 Rituais e narrativa**

Rituais possuem ciclos que estabelecem início e fim. Han atribui a esses ciclos a capacidade de conclusão, e assim dão sentido à vida. No tempo infinito<sup>13</sup> não há nenhuma conclusão apenas adição de aberturas, seguindo uma dinâmica de tempo acelerada e justamente por isso não é possível concluir. Narrativas demandam um tempo duradouro, um tempo que é possível encerramento (HAN, 2021a). Hoje o tempo acelerado é um modo de vivenciar o tempo que está submetido à lógica de produção e desempenho, mas de forma paradoxal essa aceleração resulta em uma “não vivência”. “Assim, a narrativa é uma conclusão, ela produz sentido. Também os rituais e cerimônias são formas de conclusão. Eles têm, desse modo, o seu tempo próprio, o seu próprio ritmo e compasso. Eles representam processos narrativos que se furtam à aceleração” (HAN, 2021a, p. 12). A aceleração não oferece sentido, por isso hoje perdemos

---

<sup>13</sup> Tempo infinito se refere a um modo de tempo que não há uma perspectiva fim, nega a morte e vive uma sucessão de presentes, em prol de mais desempenho e consumo.

o sentido da vida, não temos mais um motivo sólido para viver que vá além da futilidade do consumo. A aceleração segue um frenesi onde só gera vivências, vivências não oferecem qualquer tipo de alteridade e nem capacidade de mudança. Percebe-se que Han faz uma distinção entre vivência e experiência, a vivência pode ser entendida como uma forma empobrecida da experiência, algo que não chega a ser vivenciado de forma profunda o suficiente, a vivência se refere a uma superficialidade, ela acontece, mas não provoca qualquer mudança no sujeito. Enquanto a experiência é permeada pela negatividade, ela rompe com o igual, a experiência abre um caminho para o outro e amplia nossa realidade, enquanto na vivência é um retorno para si próprio. A vivência deixa intacto aquilo que já existe (HAN, 2017).

A falta de sentido ganha outro aspecto crítico para além da discussão sobre experiência. Ela é um dos aspectos presentes na depressão, assim como a indecisividade e a incapacidade para a escolha a [entschluss], essa indecisividade está ligada a uma incapacidade de concluir (HAN, 2021a). O sentido (que só é possível através da conclusão) nos dá perspectiva de presente e futuro, assim nos garante uma certa *solidez*

Nas considerações feitas por Caio Borges (2017) ao comentar sobre a ideia de narrativa em Walter Benjamin, demonstrou que Benjamin já falava sobre a importância da narrativa, que hoje Byung-Chul Han retoma (o próprio Byung-Chul Han cita Benjamin constantemente em suas obras). Em seu texto “A ideia de narrativa em Walter Benjamin” (BORGES, 2017), Borges declara que o filósofo alemão já criticava o crescente imediatismo que substituiu a experiência pela vivência (*erlebnis*), empobrecendo a memória como uma forma de compreensão do mundo. Uma vez que no imediatismo vivemos uma sucessão de presentes, perdemos então acesso ao passado (pode-se dizer que enquanto memória e consciência crítica)<sup>14</sup>, o passado perde sua vivacidade. Borges (2017):

“Como identificou Benjamin, uma das características que a narrativa ao trabalhar com a memória é comunicá-la com o tempo, abrindo seu significado para as interpretações congruentes ao encaminhamento das épocas cujas peculiaridades a narrativa procura relacionar. Esse aspecto que funda uma forma diferente de alteridade, onde o outro é aquele que está deslocado no tempo, é onde se deve localizar o rastro da narrativa no que desempenha o papel de difusão da experiência em discursos onde a vivência ainda é a regra”. (BORGES, 2017, p.73).

O tempo presente não é capaz de produzir uma identidade, justamente pela falta de memória e histórico que estão presentes na narrativa (HAN, 2019b), por consequência não temos mais um tempo que estabiliza, ele não é mais situativo. Na narrativa temos acesso ao passado, ela confere sentido à vida e nos ajuda a construir uma identidade estável, nos tornando

---

<sup>14</sup> Guy Debord em Sociedade do espetáculo, chama o “vivido individual da vida cotidiana” como um tempo vivido sem linguagem, sem conceito, e que perde o acesso crítico ao seu próprio passado.

mais humanos.

A narrativa também está vinculada a uma ideia de experiência coletiva e não uma experiência individual, assim como Byung-Chul Han afirma hoje, a crise da narrativa não ocorre apenas por conta do imediatismo. Hoje por perdemos a dimensão do outro nos tornamos pobres em alteridade, a alteridade e a estabilidade que a narrativa propicia conferem ao sujeito uma identidade estável. Han coloca os rituais e a narrativa como formas de conclusão que estão interligadas. As práticas ritualistas são compostas por narrativas, a ao mesmo tempo as próprias narrativas se fortalecem através dos rituais.

A crise da narrativa também aparece como consequência da forma como lidamos com o tempo hoje. Han defende uma mudança de como vivenciamos o tempo. Ele propõe uma revolução temporal (só a desaceleração do tempo não é o suficiente), uma revolução que irá superar o tempo do eu e então surgirá o tempo dos rituais e o tempo do outro (HAN, 2021a). Outro ponto em relação à mudança de percepção de tempo, é a forma como encaramos o futuro hoje<sup>15</sup>. Aqui de forma sucinta, Han conversa com as ideias de Heidegger ao falar sobre o possível desaparecimento da incerteza em relação ao futuro. Han afirma que deixaremos de ser um *Dasein*<sup>16</sup> que habita o mundo, e que estamos em direção de então tornamos *Inforgs*<sup>17</sup>, seres que habitam a ordem digital e não mais apenas a terrena. Essa realidade só será possível havendo uma digitalização total da vida, essa digitalização é uma promessa de bem-estar do dataísmo e é aqui que entra o que segue a crítica de Han, com o dataísmo será possível prever as possibilidades do futuro e planejá-lo, assim a preocupação [Soren] em relação ao futuro irá desaparecer, ela será superada. Han (2022c) cita a ligação de facticidade à ordem terrena, como característica que constitui o *Dasein*, a facticidade está ligada a uma indisponibilidade, a digitalização seguirá um processo de *desfactização* pois ela tornará tudo previsível. É esse caráter de indisponibilidade que coloca o *Dasein* como preocupação (e considero aqui a preocupação como uma manifestação da negatividade). Assim, precisamos construir um tempo narrativo, e precisamos de uma maior distância do real e virtual.

### **3.3 A necessidade da percepção simbólica.**

Como já dito anteriormente, narrativa e rituais estão interligados, o tempo do ritual é um tempo que se opõe ao tempo aditivo (que resulta na crise narrativa), Han aponta os rituais como práticas que retiram o sujeito do narcisismo que o prende. É importante ter em mente qual é o

---

<sup>15</sup> Posteriormente a questão do tempo será novamente tratada, ao falarmos sobre ócio.

<sup>16</sup> Sem adentrar em uma análise mais profunda, nesse contexto irei considerar o significado de *Dasein* que o próprio Byung-Chul Han (2022c) nos oferece: *Dasein* é o termo ontológico para o ser humano.

<sup>17</sup> *Inforgs* são unidades formadas por informações.

conceito de ritual para o filósofo: “Rituais são ações simbólicas. Transmitem e representam todos os valores e ordenamentos que portam uma comunidade. Geram uma comunidade sem comunicação, enquanto hoje predomina uma comunicação sem comunidade. A percepção simbólica é constitutiva dos rituais” (HAN, 2021d, p. 9). Han (2021d) citando Saint-Exupéry complementa que os rituais tornam o tempo habitável, nos permitem um estar em casa, enquanto o tempo aditivo nos desgasta e corrói.

Ao defender a ideia de percepção simbólica, o filósofo sul-coreano (2021d) usa a etimologia da palavra símbolo, que vem do grego *symbolon*, que originalmente significa “sinal de reconhecimento entre amigos hóspedes (tessera hospitalis)”, reconhecimento como reconhecer (ou perceber) aquilo que já se conhece (HAN, 2021d), permitindo assim a permanência e consequentemente estabilidade. No vazio simbólico, todas as imagens e metáforas que provocam sentido e comunidade e que estabilizam a vida têm se perdido” (HAN, 2021d). A percepção simbólica implica concentração e durabilidade (SILVEIRA, 2020). Fazendo uma análise atual, contrapondo à percepção simbólica, temos hoje (devido a coação de desempenho) uma percepção serial, suas características são a aceleração e a falta de conclusão, uma percepção que não permite nenhuma parada, as coisas se seguem de forma desordenada onde não há nenhuma limitação temporal. Hoje não é possível *reconhecer*, é preciso finalizar para retomar e conhecermos novamente, agora apenas pulamos de uma coisa à outra, o próprio modo de passagem de vídeos das redes sociais são um sinal desse tempo, os vídeos seguem um após o outro sem que finalize, sem que a gente conclua algo. Nesse sentido, Han cita o *Binge-Watching*, que é uma forma frenética de consumir e assistir um conteúdo, os usuários de *streaming* assistem os episódios de uma série um após o outro de forma ininterrupta, consumir o entretenimento dessa forma não nos permite nem mesmo refletir sobre a obra. Torna-se cada vez mais difícil estabelecer uma percepção atenta, estável e duradoura.

Juntamente com a perda da percepção simbólica, há também uma fragmentação do valor simbólico do objeto. A partir da releitura das ideias da Hannah Arendt, Byung-Chul Han argumenta sobre o valor simbólico do objeto, que está presente nas práticas rituais que os englobam. *Coisa* se contrapõe a *não-coisa*. O *smartphone* devido sua agitação (HAN, 2021d) é um exemplo de *não-coisa* pois não há permanência. Para que as coisas adquiram um valor simbólico elas precisam ter um caráter de permanência, possibilitando uma “certa mesmice”, que possibilita que o objeto adquira sentido, enquanto *não-coisas* são vazias e inconstantes impossibilitando qualquer tipo de profundidade. Han contrapõe emoção e sentido: *não-coisas* são objetos descartáveis carregados apenas por emoções (consumimos emoções), enquanto *coisas* são duradouras e dotadas de sentido. Outra diferença é que as *coisas* ainda possuem o

caráter de ser algo material, algo palpável, enquanto a imaterialidade é constitutiva das *não-coisas*. Han (2022c) coloca as informações como um exemplo de não-coisas, informações aparecem e seguem uma após a outra e intensificam a percepção serial, um exemplo que posso citar que contrapõe às informações e é um exemplo de objeto passível de ser dotado de sentido (se afirmando como *coisa*) são os livros impressos, os livros estimulam a percepção simbólica uma vez que exigem atenção e por serem material é possível de serem tocados, guardados. A digitalização está intensificando a transformação de coisas em não-coisas.

Com as não-coisas digitais, também estamos terceirizando o que antes era o que nós mesmo fazíamos. Um exemplo é a nossa memória que hoje substituímos por anotações e a galeria do celular. Pessoas frequentam lugares se preocupando com a quantidade de fotos que podem tirar do lugar, mas não em se relacionar com esse lugar, assim, suas memórias se resumem a fotos tiradas, mas o sujeito não tem lembrança mental da experiência. Atrofiamos a capacidade de se recordar em troca de gravar tudo no *smartphone*, aplicativos guardam nossas lembranças e nos avisam quando devemos beber água. A imaterialidade é uma característica da não-coisa, o que antes era um objeto material que ocupa um espaço físico, hoje é um item digital.

### **3.4 A relação entre comunidade e rituais, e sua importância**

Rituais se relacionam com o fortalecimento da comunidade. O próprio submeter-se aos rituais já implica um deslocamento, um abandono (temporário) do eu. As celebrações também são formas de rituais, encerrando ciclos e iniciando novos, eles dão sentido à vida. Em favor da produção e desempenho desaprendemos a fechar ciclos, dessa forma, também desaprendemos a morrer (HAN, 2019). Antes os rituais também tinham uma função social (características que eram presentes nas sociedades tradicionais), os rituais têm capacidade de organizar a vida social e dos indivíduos de forma particular, uma comunidade sólida é constituída por rituais. Hoje as práticas rituais são substituídas por comandos virtuais, o clique do *like*, o botão de compartilhar, postar *selfs*, práticas que não produzem comunidade, mas apenas comunicação.

O silêncio, a escuta atenta e o fechar os olhos estão presentes na comunidade, o mundo digital opera em sentido contrário, as informações são ruídas que apenas desordenam. Citando Franz Rosenzweig, Han fala sobre o *sabá*, ritual que exige silêncio. O silêncio vem acompanhado de uma ação contemplativa<sup>18</sup> e atenção (HAN, 2021d), por causa dos seus ruídos na comunicação digital não é possível contemplação e nem atenção plena. A quietude e o silêncio não têm lugar na rede digital, que é dotada de uma estrutura rasa de atenção. O silêncio

---

<sup>18</sup> O “silêncio” aparecerá novamente, ao abordar sobre o ócio contemplativo.

pressupõe uma ordenação vertical, enquanto a rede digital tem uma orientação horizontal, ela é uma estrutura plana e rasa de atenção, dessa forma a ação contemplativa não é comportável com a estrutura das redes.

O jogo com o corpo também faz parte dos rituais, a encenação do corpo está presente neles. Nos rituais enquanto práticas dotadas de narrativa, o corpo adquire significantes, os rituais são internalizados promovendo através da experiência uma memória corporal, onde o corpo também ganha sentido (por exemplo, os rituais indígenas de dança). Hoje o corpo é explorado, perdendo qualquer significado e através do exagero da auto exposição ele se torna pornográfico. Han faz uma crítica até mesmo das tatuagens, hoje os desenhos nos corpos não têm mais significado (HAN, 2021d), as tatuagens são feitas de acordo com o que está se desenhando no momento. Assim, uma mesma figura é copiada diversas vezes sem contar nenhuma narrativa, sem sentido nenhum. “O corpo como portador de significados é oposto a um corpo pornográfico que, sem tal involucrio, é, pois, obscuro. O corpo pornográfico, livre de significantes, remete apenas ao significado nu, a verdade, ou seja, ao seco” (HAN, 2021d, p. 106). Apesar da crítica de Han, é interessante apontar que ao mesmo tempo, também há muitos trabalhos de tatuagem, onde os desenhos são baseados em coisas significativas para as pessoas, usando lembranças, pessoas ou experiências, é importante ressaltar esses movimentos ainda que pequenos pois para um horizonte promissor precisamos pensar na prática de novos rituais.

Han não incita a retomar rituais antigos, mas indica que devem ser construídos novos rituais. Em uma de suas entrevistas<sup>19</sup> ele diz que o entretenimento é uma forma de ritual, (digo entretenimento por ele citar atividades como jogos e danças<sup>20</sup>), em um primeiro momento pode soar contraditório já que são atividades hoje que estão subjugadas pela lógica de desempenho, mas é importante lembrar que Han está falando de novos rituais e não retomando rituais antigos, sendo assim, a proposta aqui é que essas atividades sejam desvinculadas da lógica de consumo e produção.

Ao falar sobre rituais, Han também retoma as ideias do sociólogo Hartmut Rosa (Alemanha, 1965), a importância que ele atribui a ressonância é a mesma de Rosa. Para este a ressonância é uma necessidade inerente ao ser humano<sup>21</sup>, o que o capitalismo faz é se apropriar dessa necessidade e canalizá-la através de objetos de consumo, reforçando mais uma vez a ideia de que podemos nos satisfazer somente através do consumo. Han é bem-sucedido ao usar esse

---

<sup>19</sup> <https://outraspalavras.net/descolonizacoes/byung-chulhan/>

<sup>20</sup> Para mais, leia: Bom entretenimento: Uma desconstrução da história da paixão ocidental (Byung-Chul Han, 2019)

<sup>21</sup> Hartmut Rosa tem Axel Honneth como uma das suas principais influências.

mesmo termo e relacionar com outros aspectos incluindo as redes digitais.

Rituais promovem eixos de ressonância socioculturante estabelecidos, sendo três tipos de eixos, verticais, diagonais e horizontais (HAN, 2021d). Eixos verticais se referem à experiências íntimas de valor existencial, por exemplo, a deus e ao tempo. Diagonais são em relações às coisas, do sujeito com as coisas do mundo. O eixo horizontal é sobre o sujeito com o outro, por exemplo, relações humanas em comunidade. Eixos que estabilizam e dão sentido à vida. Rituais com sua capacidade de ressonância e comunidade, transformam o estar-no-mundo em um estar-em-casa. Hoje não é possível o estar-em-casa, a globalização digital nos possibilita apenas um estar-no-mundo, que segue um fluxo contingente que não comporta permanência.

Nas ondas sonoras ocorre a ressonância quando existe transferência de energia por vibração. Por exemplo: ao afinar as cordas de um violão uma delas pode vibrar sem ser tocada só com a transferência de energia das outras. Para Han, nos rituais a relação de uma pessoa com outra e com a comunidade é como uma caixa de ressonância, cada qual abandona por um tempo seus estados anímicos particulares para participar. Há uma comunicação geral em função da “dinâmica” do ritual, mesmo que as pessoas possam estar em silêncio” (SILVEIRA, 2020, p.399).

Ressonância se contrapõe a eco, a comunicação digital é caracterizada pelo eco pois nela só buscamos a nós mesmos e é um ambiente onde falamos e o que ecoa é nosso próprio som, ou seja, nossa própria voz. Já nos rituais o que prevalece é a ação coletiva, onde todos estão em ressonância prevalecendo a comunidade, na ressonância eu entro em contato com o outro sem buscar a mim mesmo.

### **3.5 O eu e o outro**

A voz que ecoa e que não me faz enxergar o outro, resulta no que Han chama de inferno do igual. Este é o resultado de estarmos aprisionados em nós mesmo, onde buscando no outro somente o que é semelhante a nós fazendo com que desapareça qualquer alteridade. A expulsão do outro, que é expressão de uma sociedade narcisista, está diretamente ligada à uma série de problemas apontados por Byung-Chul Han. No decorrer desse texto, iremos retornar ao tema sobre a falta do outro, ao falarmos da perda do outro irei expor que isso não resulta apenas no sujeito depressivo, mas também em uma homogeneização de pensamento e comportamento, em uma pobreza de alteridade e está vinculado até mesmo à uma crise da democracia. Assim, a filosofia de Han propõe um resgate do outro, o abandono do narcisismo como a saída para a situação atual. Ao tratar da necessidade do outro, Byung-Chul Han traz Hegel para a atualidade.

Han entende o sujeito depressivo como resultado do narcisismo, estamos fatigados de nós mesmos, o excesso de autorreferência nos adoece. Apagar o outro faz com que a alteridade

desapareça, a negatividade se manifesta na alteridade, no que me diferencia do outro, pressupondo subjetividade. A necessidade de a consciência-de-si encontrar outra consciência-de-si é inerente ao ser. Quando uma consciência-de si encontra outra, um não se dissolve no outro, mas ao invés disso nos tornamos um Nós (a partir de um nós é que as mudanças são possíveis, uma consciência do coletivo é necessária para o jogo democrático).

Mesmo entrando em contato com o outro eu mantenho uma distância, nós não nos fundimos, é justamente essa distância, que me preserva e preserva o outro, a alteridade torna possível essa distância, e é essa distância que também contribui com a preservação da alteridade, já que dessa forma não me dissolvo no outro. Han faz uso das ideias de Martin Buber para falar da importância da distância, hoje é preciso resgatar a “*distância originaria*” (HAN, 2019b). A distância não se transformou em proximidade, na verdade ela desaparece. Segundo Buber a distância é o princípio básico do ser-humano, e é esse respeito que a distância propicia que impede a coisificação do outro. Ausência de distância surgiu de uma forma intensa na comunicação digital, pois ela através da disponibilidade absoluta e da eliminação do privado, torna tudo próximo demais independente da distância física. A hiper aproximação é o fim do limite entre o eu e o outro, fim do privado. Esse processo tem feito com que o sujeito expanda a sua esfera privada, vivendo assim cada um na sua própria esfera narcisista, essa falta de distância não aproxima, mas faz o outro desaparecer. O *páthos* da distância também aparece para uma condição de respeito mútuo.

### **3.6 Alteridade, reconhecimento e a força do Eros**

A alteridade vem sendo aniquilada, em prol de um melhor funcionamento do neoliberalismo, quando falamos de uma planificação é sobre tornar tudo homogêneo. A alteridade se apresenta como uma antagonista da positividade, já que a alteridade torna impossível o controle, pois ela é imprevisível e não calculável. Assim, a positividade é sempre um processo de homogeneização, enquanto a negatividade é heterogênea, “o desaparecimento da alteridade significa que vivemos numa época pobre de negatividade” (HAN, 2010, p. 14). A negatividade cedeu lugar à positividade (HAN, 2021c).

A falta do outro diz respeito diretamente ao problema de reconhecimento, identidade e pertencimento, quando dizemos que reconhecimento e identidade estável só são possíveis através da comunidade, significa que só são possíveis quando estamos em contato com outras pessoas, pressupondo indivíduos que estejam em ressonância um com os outros. No inferno do igual, eu me lanço sempre para mim mesmo e assim não é possível qualquer dialética da alteridade, o inferno igual pode ser a partir desse movimento narcisista, mas pode acontecer

também pelo processo de hegemonia que o próprio neoliberalismo propõe, onde através do consumismo (identidade baseada em consumo) e direcionamento de comportamento (através da psique) vão esvaziando nossa subjetividade.

A depressão como já mencionado anteriormente, é considerada uma doença resultante do exagero de positividade e narcisismo (por sua vez, narcisismo implica no inferno do igual) assim, dessa forma ao falarmos do resgate do outro, da relação com o outro, também entendemos como uma saída para o sujeito depressivo<sup>22</sup>.

Há um estranhamento que decorre da negatividade de entrar em contato com o outro em sua alteridade. Hoje nos falta esse estranhamento, excluímos qualquer traço de negatividade. Negatividade e alteridade se condicionam, hoje por excluir o outro, somos pobres de alteridade (e corremos perigo de nos tornamos cada vez mais planificados devido ao problema da exploração de dados). Quando afastamos e fazemos desaparecer o outro, não estamos nos preservando, mas estamos nos autodestruindo. Han denomina de *dialética da violência*, onde a recusa à negatividade do outro, acaba por gerar uma autodestruição (HAN, 2021c). É como um sistema, que ao recusar e tentar expulsar o que vem de fora, se sobrecarrega e dessa forma inicia um processo de implosão. Por isso, na depressão destrutiva o que deteriora o eu, não vem do outro, mas vem do próprio sujeito. “A negatividade do outro é responsável pela infecção que leva a anticorpos” (HAN, 2021c, p. 9)

O Eros que se manifesta a partir da relação com o outro, se torna o remédio para o depressivo.” O outro me resgata do inferno igual e assim o Eros vence a depressão” (HAN, 2019b, p. 12). O sujeito narcisista se torna então o sujeito do amor-próprio, enquanto no primeiro as relações são sempre centradas na própria pessoa, no sujeito do amor-próprio nos lançamos no outro e o reconhecendo em sua alteridade e assim estabelecendo um limite entre eu e o outro. “Na dialética da alteridade, um eu só afirma a si mesmo na diferença constitutiva do outro” (MORAES, 2001, p. 62). A partir dessa negatividade, eu me reconheço possibilitando a construção de uma identidade estável, por isso eu só conheço a mim mesmo a partir do momento que conheço o outro, portanto, essa dialética da alteridade implica no respeito à diferença. “Não é possível constituir uma totalidade com o outro, subjugando ou eliminando a diferença que o constituiu” (MORAES, 2001, p. 62).

Os sujeitos inseridos em uma comunidade, começam a experienciar (através dos rituais) eixos de ressonância socioculturalmente semelhantes, e a partir disso é possível a sensação de pertencimento. Por isso, pertencimento só é possível através desse processo de ação coletiva,

---

<sup>22</sup> A superação da depressão aqui se refere à uma perspectiva filosófica e não psicológica.

ressonância e identidade. Pertencer pressupõe também reconhecimento mútuo, pressupõe que eu fui reconhecido pelo outro da mesma forma que ele me reconheceu. Por isso, “a consciência-de-si só alcança sua satisfação em uma outra consciência-de-si. Por conseguinte, a condição essencial da consciência-de-si é a existência de outra consciência-de-si” (MORAES, 2001, p. 61). Nesse movimento onde reconhecimento se torna uma condição de necessidade (considerando o pertencimento uma necessidade, como já foi afirmado nos capítulos interiores) que revela através da minha insuficiência, a necessidade da presença do outro (MORAES, 2001). O *pertencer* acaba por reafirmar tanto a identidade do indivíduo quanto da sua comunidade. Han chama de “tensão dialética” (podemos entendê-la como semelhante ao estranhamento), a tensão causada pela aproximação devido à negatividade inerente à alteridades, assim, há uma tensão inerente na dialética da alteridade.

Han faz uma análise do lugar do Eros, onde o Eros ganha uma dimensão que vai para além das relações pessoais. A erosão do Eros reflete em nossa saúde mental e até mesmo na esfera política. O Eros aparece como aquilo que possibilita a salvação do eu, desfazendo o eu narcisista depressivo, que me cura ao me tirar do inferno narcisista, “O Eros aplica-se em sentido enfático o outro que não pode ser abarcado pelo regime do eu” (HAN, 2019b, p.8). O

Eros estabelece relação com o outro, que vai para além da dinâmica do desempenho e positividade, condição necessária constitutiva da experiência erótica (HAN, 2019b), estabelece uma relação que respeita a negatividade do outro ao invés de excluí-la, é a falta de negatividade que transforma o amor e o objetifica, dessa forma, ele firma as relações para além do controle.

É a negatividade do outro e da metamorfose (*Verwandlung*) que constitui a experiência em sentido enfático (HAN, 2021c), essa negatividade me afeta e assim produz novas formas de compreensão, o sujeito do amor-próprio é aquele que experencia o Eros e assim foi transformado. É atribuído ao Eros uma força universal, capaz de interligar o artístico, o existencial e político, se manifestando também como uma cupidez revolucionária (HAN, 2019b), por isso ele aparece como força que se opõe à depressão. Essa relação também transforma o tempo, ela me transpõe para o tempo do outro. Quando falamos em uma relação com o outro, sobre respeitar o outro em sua alteridade, isso diz respeito também ao Eros. A partir dessa relação que se estabelece, ela torna possível que o eu depressivo-narcisista dê lugar ao sujeito do *amor-próprio*.

O sujeito depressivo-narcisista não estabelece limites, nele a distância é ausente, completamente aniquilada. No sujeito do amor-próprio, se estabelece um limite que preserva uma certa distância. “O sujeito do amor-próprio estabelece uma delimitação negativa frente ao outro em benefício de si mesmo” (HAN, 2019b, p. 10), ele se mostra vulnerável para o outro e

essa vulnerabilidade é seguida de um sentimento de fortaleza (HAN, 2019b), esse sentimento é um sentimento de estar com o outro e ser amparado por ele. O sujeito do amor-próprio se respeita e respeita o outro, por reconhecê-lo e ser reconhecido. Sou reconhecido pelo *olhar amoroso* do outro e pela sua escuta *atenta*, o (saudável) amor-próprio não exclui o amor pelo outro (HAN, 2021c) mas se constrói através do amor pelo outro. Por implicação do imperativo de performance, nós olhamos de forma muito severa não apenas para o outro, mas para nós mesmos. O depressivo-narcisista não é um sujeito do amor justamente pela falta de amor a si próprio e falta do olhar amoroso do outro, ele apenas se sente vazio, o que resulta em uma autoestima frágil.

Para além do sujeito depressivo, podemos pensar também o *borderline* (transtorno de personalidade *borderline*) como personalidade que reflete a falta do olhar do outro. Como forma de voltar sua dor para si mesmo, é comum nesse transtorno a ocorrência de automutilação. Pessoas com transtorno de personalidade *borderline*, tendem a se agredir voluntariamente. Em geral nesse perfil são pessoas que desde a infância tiveram lar instável, problemas familiares e até negligência infantil, algumas são altamente autocríticas devido ao olhar do outro sobre ela ser sempre exigente. A falta de reconhecimento do outro (nesse caso por exemplo, podem ser os pais) acarreta diretamente na autoestima onde se sentem sempre insuficientes. O *border* (ou *borderline*)<sup>23</sup> não se lança para o outro e retorna para si, o *borderline* se desfaz no outro, ele não impõe limites entre ele e o outro, assim ele vive a vida de quem ele está se relacionando naquele momento (que é um dos principais sintomas). Ele absorve aquilo que o outro é, e parte desse problema é justamente por um problema de autoimagem, sem uma identidade estável (mental e corporal) e se sentindo vazio, ele e o outro se misturam, por isso costumam ter dependência emocional. Devido a uma autoestima vazia o *borderline* se torna o outro.

A importância do silêncio tem implicação direta na escuta atenta, só é possível escutar o outro quando nos silenciemos, a escuta atenta implica uma parada. A comunicação hoje não tem a escuta atenta, apenas se comunicam de forma frenética. Por isso, Han aposta que um dia teremos um tipo novo de profissão, a do escutador [*Zuhore*]. A escuta não é uma atividade passiva, primeiramente, reconhecemos o outro, o outro em sua alteridade (HAN, 2021c), a escuta propõe uma ressonância e não um eco. A escuta também é uma forma de acolhimento, não é sem motivos que o saber ouvir desempenha um papel importante nas relações humanas. É também a partir da escuta que temos acesso ao outro, e o seu mundo (o que se relaciona diretamente com a democracia, uma vez que a democracia pressupõe um pensar no outro). A

---

<sup>23</sup> Como são chamados os pacientes com transtorno de personalidade *borderline*.

crise da autoestima é também uma crise do outro. “A autoestima não pode ser produzida por mim mesmo. Para tanto, eu sou direcionado ao outro como instância de gratificação que me ama, me elogia, me estima e me reconhece” (HAN, 2021c, p. 43). Na objetificação do outro, onde o outro serve como um instrumento do meu narcisismo, desaparece o olhar reconhecedor. A autoestima também se constrói no laço com o outro, pois será ele a me reconhecer, e será pelo outro que me sentirei amado e acolhido.

### **3.7 Da dor ao mero viver, do mero viver ao ócio**

Han explica a dor como algo natural e que precisa ser sentida, evitá-la é ainda mais desgastante, uma vez que exige mais esforços. Ele analisa a dor para além da medicina e do corpo físico, mas em um sentido existencial enquanto signo [Zeichencharakter]. Hoje vivemos em uma era pós-heroica, o heroísmo foi substituído pela sobrevivência, no sujeito heroico que diz respeito a aquele que lida com a dor havia uma narrativa, hoje perde-se o valor da dor<sup>24</sup>. Na literatura existencialista a dor ainda possuía signo, ela aparece como inerente à existência. O homem do subsolo de Dostoiévski, proclama: se dói o fígado, que doa ainda mais!

Han também se serve da filosofia nietzschiana para falar da dor. No filósofo Friedrich Nietzsche é a experiência da dor que fortalece o espírito, ele torna a dor uma constituinte da própria saúde, sendo assim, deve-se abraçar a dor. Nietzsche propõe uma forma distinta de saúde, uma forma elevada onde incorpora a dor, pois é a dor que lança uma nova perspectiva ao espírito uma vez que ela o obriga à uma mudança. Ele defende uma transvaloração da dor, que coloca o espírito em movimento, promovendo um processo de reflexão (HAN, 2021b).

Essa nova forma de (não) lidar com a dor, tem tido influência até mesmo na psicologia. Han cita o “crescimento pós-traumático”, ele alega que essa abordagem ou forma de lidar com um trauma está submetida à uma lógica de desempenho, onde a dor novamente é entendida como fraqueza. Martin Seligman é um dos principais psicólogos dessa abordagem, a psicologia positiva, nela o objetivo não é encontrar formas de o paciente lidar com o sofrimento ou com as frustrações, mas na realidade eles tentam eliminar esse processo de aprendizado e vão em busca diretamente e unicamente do bem-estar total, onde aquela dor é superada em prol de um melhor desempenho, já que a ideia é que não haverá mais dor, dessa forma, Han a considera uma abordagem exageradamente positivada<sup>25</sup>. As redes sociais estão ligadas a essa cultura de bem-estar absoluto, precisamente o *like* aparece como um anestésico (HAN, 2021b), devido a sua capacidade de gerar de forma rápida (mas curta) a sensação de recompensa e satisfação

---

<sup>24</sup> Han ainda cita que na sociedade disciplinar, a dor funcionava como uma forma de disciplinar, ou seja, na sociedade disciplinar a dor ainda tinha uma função.

<sup>25</sup> A crítica de Byung-Chul Han não é para a psicologia como um todo, mas à essa abordagem especificamente.

(tanto que foi abolido de algumas mídias sociais o clique de “*dislike*” que representaria uma negatividade, indo contra a política do bem-estar absoluto). A substituição da experiência real pela virtualidade é um processo de anestesia.

Hoje, lutamos contra a dor, a morte e o envelhecimento, de tal forma que chega a parecer que elas não fazem parte de um processo natural, negamos nossa própria natureza e isso em prol de viver em um estado de sobrevivência. O banimento da morte é uma vivência propriamente ligada ao capitalismo, devido seu imperativo de produção o excesso de positividade fazer desaparecer a negatividade da morte (HAN, 2019b). Em estado de sobrevivência nós não vivemos ou experienciamos, “apenas sobrevivemos e nos encontramos em estado de alerta” (HAN, 2021b), prolongamos a vida para produzir e consumir mais. Nesse modo de sobrevivência, a vida perde a vivacidade que constitui a boa vida, perde o desfrute [*Genuss*] e se reduz a um *mero viver*. Mais uma vez se voltando para Hegel, Han cita o exemplo da dialética do senhor e do escravo, mas se voltando para a figura do escravo que é um exemplo do sujeito do mero viver. “O que simplesmente *sobrevive* se aparece como um *morto-vivo*, que é por demais morto para *viver* e que é por demais vivo para *morrer*”. (HAN, 2019b, p. 52). O escravo é como um morto-vivo, que prefere se sujeitar à tirania do senhor do que morrer, o escravo teme a morte, por temê-la ele torna-se escravo e trabalha. Hoje, o escravo está encarnado no sujeito de desempenho, que por temer a morte, se sujeita voluntariamente à escravidão.

Para uma superação da vida de sobrevivência, Han evoca novamente o Eros. Falta ao escravo o Eros. Eros também é transgressão (HAN, 2019b), assim nega o trabalho e o mero viver. O Eros escapa da lógica de desempenho, sendo assim, ele se opõe ao estado de sobrevivência. “A verdadeira vida começa quando cessa a preocupação com a sobrevivência (HAN, 2023).

Considerando que o estado de sobrevivência é um estado de alerta, hoje fechar os olhos não é mais permitido. Fechar os olhos, neste contexto não significa morrer, mas sim se refere a uma ação contemplativa, a uma capacidade de conclusão. Fechar os olhos é uma *negatividade* que não se harmoniza com a sociedade acelerada, a hipervigilância exige que estejamos sempre com os olhos abertos. A incapacidade de fechar os olhos também é responsável pelo esgotamento psíquico sujeito do desempenho (HAN, 2019b). “Um demorar-se contemplativo é uma forma conclusiva. *Fechar os olhos* é como que *um mostrar-se da conclusão*. A percepção só pode ser concluída num repouso contemplativo” (HAN, 2019b, p. 73).

A ideia de ócio nessa época não remete a um tempo vazio, mas sim um tempo de reflexão e produção intelectual, e isso o torna necessário em qualquer sociedade. Com o passar

do tempo, devido às mudanças econômicas e por sua vez às mudanças sociais, com o desenvolvimento do neoliberalismo afim de aumentar a produção dos trabalhadores, a concepção de ócio foi apropriada e empobrecida. Ele deixou de ser visto como algo benéfico, relacionado à produção intelectual e começou essa própria ideia ser explorada, foi disseminado o discurso de que o indivíduo que não gasta todo seu tempo produzindo, é “preguiçoso” (em sentido pejorativo) e que não é merecedor de uma boa vida. Esse conto ainda é muito bem-sucedido. Essa nova concepção de ócio é uma das ideias que estão convictas no sujeito de desempenho, ela mesma reforça e naturaliza a autoexploração.

O demorar-se contemplativo só é possível a partir de uma nova forma de experienciar o tempo, por isso Han fala de uma revolução do tempo. Primeiro pensamos na inatividade, a partir dela a ação contemplativa é possível<sup>26</sup>, um demorar-se só é possível em um tempo que foge da lógica de desempenho. A importância do ócio vai desde a capacidade de descansar, passando pela capacidade de refletir, de viver os rituais e surge como necessária para capacidade de pensamento crítico. O tempo dos rituais só é possível quando se pensa na inatividade, o ócio enquanto tempo de contemplação permite a conclusão, que é condição necessária para nos estabilizar. “Han propõe como saída desta situação o retorno à vida contemplativa que significa propiciar momentos de vazio existencial, para que a alteridade possa ter lugar.” (SILVEIRA, 2020, p. 410), ele condena o tempo que precisa ser preenchido o tempo todo, é o vazio que invade que permite que a negatividade floresça. A capacidade de criação também está vinculada à vida contemplativa.

Han algumas vezes poupa a religião na sua crítica ao capitalismo. Ele alega que as religiões não se assemelham ao capitalismo, uma vez que o capitalismo é carregado por narcisismo e pelo abandono dos rituais, porém, é inegável que no ocidente a religião cristã (com suas vertentes católica e protestante) tem relação com o capitalismo. O cristianismo reforçou a simpatia pelo trabalho, com a concepção de que o trabalho *edifica o homem*, insistindo também que seus seguidores sejam passivos<sup>27</sup>. Paul Lafargue<sup>28</sup> (Cuba, 1842-1911), em sua obra *Direito à Preguiça* (1880) fez tal observação, ele acusa o cristianismo como um dos responsáveis pela ideia de que o trabalhador deve doar-se ao trabalho, chama a moral capitalista de *lamentável paródia cristã* que destrói com o corpo do trabalhador, e “toma como ideal reduzir o produtor ao mínimo mais restrito de necessidades, suprimir as suas alegrias e suas paixões e condená-lo

---

<sup>26</sup> Uma vez que Han atribui ao ócio as mesmas características que atribui à inatividade (termo que apareceu com mais frequência no seu livro *Vita Contemplativa*). Neste capítulo inatividade e ócio serão considerados sinônimos.

<sup>27</sup> Em troca da salvação da sua alma, o sujeito deve aceitar sua condição (de explorado).

<sup>28</sup> Lafargue foi genro de Karl Marx.

ao papel de máquina entregando trabalho sem tréguas nem piedade” (Lafargue, 1883, p. 4-5). Existem várias passagens bíblicas que falam em defesa do trabalho, exaltando-o. Alguns exemplos de passagens bíblicas que expressam essas ideias:

“Todo trabalho árduo traz proveito, mas o só falar leva à pobreza” (Provérbios: 14:23).

“Sirvam aos seus senhores de boa vontade, como servindo ao Senhor, e não aos homens, porque vocês sabem que o Senhor recompensará cada um pelo bem que praticar, seja escravo, seja livre” (Efésios 6:7-80).

“Façam tudo sem queixas nem discussões, para que venham a tornar-se puros e irrepreensíveis, filhos de Deus inculpáveis no meio de uma geração corrompida e depravada, na qual vocês brilham como estrelas no universo” (Filipenses 2:14-15).

Essa concepção sobre trabalho, diverge bastante da concepção de trabalho na Grécia antiga, o *labor* era visto com desprezo, os trabalhadores eram pessoas que passavam necessidade e precisavam se sustentar, enquanto o ócio era um privilégio da elite que se dedicava a atividade intelectual. Da mesma forma, houve também uma mudança na concepção de ócio, ao passo que na concepção atual o ócio possui um caráter muito distinto do que possuía na cultura grega antiga, por isso Han defende que o ócio seja resgatado e tido como um tempo áureo novamente. Para isso ele se utiliza justamente na linguagem grega “O tempo áureo, é também a temporalidade da escola superior, áurea, em alemão, *HochsChule*, Universidade. Na Grécia Antiga, escola se chamava *scholé*, ou seja, ócio. *Houch-sChule* é, assim, ócio superior, áureo” (HAN, 2021d, p. 69). Sem a inatividade, o surgimento da filosofia não teria sido possível, a inatividade permite atividades elevadas, possui uma força produtiva própria (HAN, 2018b). Lafargue concordaria com Han sobre a concepção de desempenho. No século XIX ainda não havia o discurso de positividade e desempenho em relação ao trabalho, mas já havia indícios de para onde as sociedades ocidentais estavam caminhando:

“Uma estranha loucura está possuindo as classes operárias das nações em que reina a civilização capitalista. Essa loucura arrasta na sua esteira misérias individuais e sociais que, há séculos, estão torturando a triste humanidade. Essa loucura é o amor ao trabalho, a paixão furiosa pelo trabalho, levada ao esgotamento das forças vitais do indivíduo e da sua prole. Em vez de reagir contra essa aberração mental, sacerdotes, economistas e moralistas tornaram o trabalho sacrossanto”. (LAFARGUE, 2016, p.38)

Foi falado anteriormente a importância do consumo na dinâmica neoliberal (1.3), Lafargue também percebeu o consumo como uma técnica da burguesia no desenvolvimento do capitalismo. Segundo ele, um dos objetivos da produção capitalista era criar consumidores, investigar seus gostos e criar necessidades factícias (LAFARGUE, 2016). Lafargue também já apontava o capitalismo como causa da degeneração intelectual, mas em Lafargue o tempo fora

do trabalho já era suficiente para descanso, mas hoje pensar que apenas o tempo fora do trabalho já basta não cabe mais à dinâmica atual. A ideia de uma sociedade do desempenho, como já foi expresso anteriormente neste trabalho, vai para além das horas de trabalho, o discurso que há sempre algo a ser feito ou consumido faz com que a produção se estenda para além da jornada de trabalho. Hoje a dinâmica neoliberal torna rentável nosso tempo fora do trabalho. O tempo que está fora dessa jornada, mas ao mesmo tempo continua sob a lógica de produção, Han o chama de *tempo livre*, e faz uma defesa em prol da inatividade. Apesar da inatividade parecer uma recusa, se manifestar como ausência de atividade, Han coloca a inatividade como capacidade, como potencialidade em seu próprio direito, possuindo sua própria temporalidade, e assim tem sua própria lógica e linguagem, ela tem uma “magia própria” (HAN, 2023), capaz de transformar o sujeito. A inatividade que se entende apenas como recusa de atividade, ainda é uma ação que está presa na lógica de produção<sup>29</sup>. O tempo livre é continuação do tempo de produção, falta a ele tanto a intensidade da vida quanto da contemplação (HAN, 2023), considerado como um tempo para o indivíduo se otimizar, ele colabora para a produção de capital (HAN, 2018b).

Han introduz a ideia do tédio profundo de Walter Benjamin, um tempo de descanso espiritual, de aquietação e atenção plena. Citando Benjamin, Han mais uma vez reforça a importância do silêncio, há uma relação do tédio profundo com a escuta, apontando para uma crise em que o desaparecimento do descanso tem degradado a capacidade de escuta (HAN, 2015). O tédio é também tem capacidade de impulsionar o novo<sup>30</sup>(HAN, 2015) abrindo novos horizontes e possibilitando experiências, é a falta de tolerância ao tédio que exaure a capacidade de experiência (HAN, 2023). Aquele que não tolera o tédio se torna ansioso e inquieto, “mas quem é tolerante com o tédio, depois de um tempo irá reconhecer que o possivelmente é o próprio andar que o entedia. Assim ele será impulsionado a procurar um movimento totalmente novo” (2015 p. 35), hoje não toleramos o tédio devido à compulsão por estar ativo e online<sup>31</sup>.

Acostumados à constante atividade de desempenho e consumo, estar inativo, se torna um exercício, precisamos aprender a ser ociosos. Devido à dificuldade que temos hoje de parar, retomar o ócio vem acompanhado de uma certa dificuldade, mas há também uma recompensa

---

<sup>29</sup> Há uma diferença entre a inatividade e o tempo livre, o tempo livre é um tempo que ainda está vinculado à lógica de produção e não possui nenhuma potencialidade em si.

<sup>30</sup> Um estudo feito pela psicóloga Heather Lench (da Texas A&M University) sugere uma conexão entre o tédio e o conhecimento. O tédio gera curiosidade, ele faz com que o sujeito deixe de buscar o igual, rompendo com um ciclo de repetição e o impulsionando a procurar o novo. Fonte: [https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/01/150118\\_vert\\_fut\\_beneficio\\_tedio\\_ml](https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/01/150118_vert_fut_beneficio_tedio_ml). Acesso em 5 de novembro de 2022.

<sup>31</sup> Importante lembrar que justamente a inquietação e ansiedade marcam a geração atual.

emocional que surge disso: entender que não precisamos ser produtivos o tempo todo, vem acompanhado não só da reflexão e ação contemplativa, mas também de um conforto emocional. A ideia de produção hoje, onde o sujeito que não está produzindo não é bem-visto, acaba por fazer ele próprio se sentir mal. Sendo assim, precisamos nos habituar à inatividade.

Do seu modo, a ação contemplativa também surge como um tempo que resgata o sujeito da sua prisão narcisista, uma vez que o desloca e nos joga para fora de nós mesmos. Enquanto ao corpo que hoje se reduz a ser uma máquina, o ócio aparece como uma característica que nos torna humanos novamente “A inatividade constitui o *Humanum*. O que torna o fazer genuinamente humano é a parcela de inatividade que há nele” (HAN, 2023, p.11), sem ele o agir degenera em ação e reação cegas. Em referência à Nietzsche, Han afirma que sem o repouso, caminhamos para uma nova barbárie, defendendo então uma revitalização da *vita* contemplativa, onde a ação contemplativa não é uma atividade passiva, mas uma atividade que oferece resistência contra estímulos opressivos e intrusivos (HAN, 2015), uma força capaz de se opor à hiper-atividade. A inatividade (ou ócio) enquanto potência em si e como atividade resistência, ela é livre enquanto uma atividade *para-nada*, ou seja, ela tem uma liberdade que reside no fato dela ser uma ação sem qualquer finalidade ou utilidade (HAN, 2023), sendo essa a sua essência. Han eleva a inatividade ao divino, citando o místico da criação da religião cristã na qual Deus usa o sétimo dia para descansar. Em sua análise, Byung-Chul Han enfatiza que o sétimo dia, não é um descanso após finalizar toda criação, mas o descanso seria uma própria etapa da própria criação, a conclusão (HAN, 2021d). “Deus não repousou pelo mero trabalho feito. O descanso é, ao contrário, sua essência” (HAN, 2021d, p.61). O descanso aparece também como um modo de concluir.

Han também cita um outro tempo, o *tempo da festa*, que também é livre e se furta de qualquer finalidade de produção ou consumo, a festa se opõe ao trabalho na medida que é livre das exigências que o trabalho está submetido. A festividade concede brilho à nossa existência (HAN, 2023), o tempo das festas (ou tempo das celebrações) tem a mesma importância que os rituais: “Rituais e cerimônias são genuinamente humanas e fazem a vida festiva e encantada. Seu desaparecimento profana a vida em sobrevivência. Assim, seria se esperar um poder curativo capaz de um reencantamento do mundo que atuasse contra o narcisismo coletivo” (HAN, 2021d, p 45). O tempo de festa não se refere a um sentido vulgar de festa, mas sim festa enquanto celebração com caráter cíclico, na celebração enquanto um festejar coletivo, nós sentimos a necessidade do outro (HAN, 2021d). O caráter cíclico das celebrações também demarca o tempo e nos garante estabilidade e consciência do lugar e espaço que estamos inseridos, um exemplo disso são os rituais que celebram a chegada de uma nova estação. Assim

como na ação contemplativa, na festa a vida se refere a si mesma sem se subordinar a nenhuma finalidade externa (HAN, 2021d), a sua intensidade exige uma parada, ela é oposta a festas extensivas que são caracterizadas pela aceleração e incapacidade de conclusão, por isso ele difere evento e festa, evento está ligado a eventualidade ou seja, algo passageiro e efêmero, não possui caráter de permanência e não tem significado. Hoje as pessoas se reúnem em um constante fluxo de eventos, mas eles não se conectam entre si, não há nem mesmo propósito ou significado. Essa intensidade das celebrações e da inatividade, tornam o tempo habitável (HAN, 2021d). Para distinguir celebração e evento, é importante trazer a diferença entre repetição e rotina. A repetição que é característica das celebrações é capaz de produzir uma intensidade, sua repetição o fortalece, enquanto a rotina que é característica presente da eventualidade é apenas uma mesmice vazia. O tempo enquanto um tempo habitável possui a capacidade de uma identidade estável, uma vez que esse tempo é uma característica necessária que constitui os rituais e possibilita um concluir, a estabilidade que o tempo proporciona também ocorre devido sua repetição e intensidade. É necessário revitalizar as celebrações e torná-las um rito.

### **3.8. Um novo horizonte: luxo e liberdade em comunidade**

Apesar de o diagnóstico de Han soar um tanto quanto pessimista, ainda assim é possível pensar um futuro em que existe a liberdade. O tempo que se escapa da lógica neoliberal, faz parte dessa possibilidade, o ócio é uma das condições necessárias. Byung-Chul Han defende que a liberdade só se tornara possível quando alcançarmos uma libertação em relação ao capital. Um novo horizonte onde a liberdade brilhará dependerá da nossa capacidade de uma vida para além da produção e do consumo: “Nosso futuro dependerá de sermos capazes de fazer uso do inutilizável para além da produção” (HAN, 2018b, p. 72), por isso uma revolução temporal é condição necessária para pensarmos em liberdade<sup>32</sup>. O luxo também aparece nesse caminho, uma vez que se desvincular do capital não tem apenas a ver para uma vida além da produção, é preciso também pensar uma vida para além das necessidades que se baseiam em consumo, uma vez que o consumismo é uma dinâmica essencial para o capital se manter, por isso liberdade também se baseia em ação livre, para além da dependência e da necessidade. Han não se refere ao luxo no sentido popular que costumamos usar (relacionado a consumo), mas se refere ao sentido de luxo que se baseia no termo de origem da palavra. Como afirmado anteriormente, não é possível ação livre quando a ação está ligada por uma dependência, por isso o consumismo também se opõe à liberdade, o próprio consumo exagerado representa a falta de liberdade.

---

<sup>32</sup> Reinvidicação do tempo também já era uma saída proposta por Guy Debord, o autor afirma que “o mundo já possui o sonho de um tempo. Para vivê-lo de fato, deve agora possuir consciência dele” (DEBORD, 1967, 164, p. 110).

Contraponto necessidade e o consumismo, Han traz o conceito de *luxo*, se referindo a origem da palavra, luxo do latim *luxus*, que diz respeito àquilo que é magnífico ou esplendoroso, nesse sentido ele coloca o luxo como o que supera a necessidade e se opõe ao consumismo, “o luxo transcende a intenção de virar necessidade” (HAN, 2018b, p.71), o luxo supera as necessidades que implica necessariamente em uma superação da dependência. A vida se torna plena através do luxo, que traz vivacidade ao espírito. “A verdadeira felicidade se deve ao extravagante, ao exuberante, ao abundante, ao esvaziado de sentido, ao excedente, ao supérfluo, ou seja, àquilo que desvia da necessidade, do trabalho, do desempenho, da finalidade” (HAN, 2018b p. 73)

Outra questão que ainda toca na questão do tempo, é que a liberdade não surge apenas depois da ação concreta, mas a própria possibilidade de questionamento já revela um grau (ainda que mínimo) de autonomia, a capacidade de pensar vem se definindo e um dos motivos é justamente a falta do tempo que é possível se dedicar a isso, por isso a ação contemplativa também diz respeito ao exercício intelectual. Aqui a autonomia, não se refere apenas a um modo de vida guiado livre de repressões, mas também que não se encontra no jugo do imperativo de produção e desempenho. Liberdade que surgirá a partir da possibilidade de ação política, onde ainda é possível a democracia. Em uma era de capitalismo de vigilância que se constitui em uma vigilância, mapeamento e manipulação do comportamento humano, a liberdade significa a possibilidade de vivência não influenciada por um mercado de comportamento que opera por meio da virtualização, onde também através da preservação da privacidade, é possível uma conservar um grau mínimo de autonomia.

No primeiro capítulo cito a o que Han invoca em seu livro *Psicopolítica: neoliberalismo e novas técnicas de poder*, onde reafirma o que Karl Marx já pronunciou: a liberdade só é possível em comunidade. A liberdade que se ocorre individualmente é apenas mais um reflexo do capital (HAN, 2018), um reflexo da influência neoliberal nas relações e nas concepções. Han está de acordo com Marx no que diz respeito à liberdade. Primeiro vemos que a descrença de Byung-Chul em uma revolução se deve ao fato de que graças ao discurso do desempenho o sujeito não se reconhece como explorado, mas outro ponto da sua descrença se deve pelo fato de assim como Marx, ele endossa que a liberdade só é possível através da comunidade. Somente em comunidade um *nós* é possível<sup>33</sup>. Em uma sociedade atual, marcada pela autoexploração, e que perpetua uma ideia de individualismo, a liberdade em comunidade é a única liberdade possível, já que pensar em uma liberdade individual é na verdade o reflexo de uma noção de

---

<sup>33</sup> Relembrando que identidade, pertencimento e reconhecimento estão relacionados com comunidade, como discutido anteriormente.

liberdade já apropriada pelo capitalismo<sup>34</sup>. O capitalismo se desenvolveu ideologicamente prometendo ser um sistema socioeconômico onde a liberdade está acima de todas as coisas (contando com a liberdade econômica), inclusive afirmando que a liberdade individual deve estar acima do bem-estar coletivo, por isso esses autores já consideram uma ideia de liberdade sem comunidade como sendo mais recurso do capital. O sujeito que tenta afirmar sua liberdade de forma individual, acaba por estar cooperando com sua própria exploração. A comunidade já se torna necessária pois é a partir dela que afirmamos nossa identidade, somos reconhecidos e nos tornamos pertencentes, logo é partir dela que o sujeito se constrói de forma estável, dessa forma um potencial emancipatório surge através de uma comunidade sólida. Sendo assim, o fim da comunidade significa o fim da liberdade, mas uma comunidade significa a possibilidade de liberdade e uma *comunidade livre implica em indivíduos livres*.

---

<sup>34</sup> Essa análise já havia sido feita por David Harvey, em *O neoliberalismo: Historias e implicações*.

## **Considerações Finais:**

Para concluir esse estudo, será feita uma breve passagem sobre os capítulos e comentários sobre as problematizações e propostas feitas nesta pesquisa. O primeiro capítulo se dedicou há expor as características de uma nova forma de poder proposta por Byung-Chul Han. A psicopolítica como uma forma de poder que se mostra mais afetiva, por agir através da permissividade e não pela repressão. Conseguindo reger a sociedade através da exploração da própria liberdade ao desenvolver o discurso de produção e consumo, e através da tecnologia estabelece uma vigilância contínua. Produzindo novas necessidades materiais e imateriais. Aliada a internet também consegue ter acesso a psique do sujeito. O neoliberalismo não se apresentaria da forma como acontece hoje sem o intenso avanço tecnológico, que junto com as facilidades surgiram problemas e demandas nunca vistas antes.

No segundo capítulo vimos quais foram as consequências desses novos processos. O surgimento da autoexploração, que advém com o discurso de desempenho, tornando a exploração ainda mais efetiva, surgindo assim a sociedade do cansaço. A violência que não é apenas física, mas agora psíquica. Entende-se que o crescente aumento de casos de problema da saúde mental estão vinculados ao neoliberalismo contemporâneo, por isso no segundo capítulo foram construídos argumentos que visam relacionar ambos. Exploração, fracasso, insatisfação, preocupação são características desse novo modelo social, são consequências ao mesmo tempo que aparecem como parte do mecanismo. Após a questão da saúde mental, foi exposto as implicações da digitalização aliada a um exagero de individualismo. Como o narcisismo não apenas fere o sujeito, mas também faz estremecer um sistema democrático, democracias que também tem enfrentado novos problemas devido a racionalidade digital. Nisso, a vigilância de dados é um problema não apenas por guiar o que devemos consumir, mas até mesmo por influenciar na tomada de decisões políticas. Logo, é perceptível que nessa nova forma de poder neoliberal, há um conjunto de mecanismos que agem simultaneamente, o problema da política ou o problema da depressão não surge apenas por um motivo isolado. O neoliberalismo surge com novos mecanismos que são interligados, desde um nível social e político até mesmo a esfera mental. Não apenas seus processos estão interligados, mas também as consequências.

No terceiro capítulo, foram expostas a partir das ideias de Han a demonstração do que seria uma saída para nossa situação atual. Han não pretende propor formas de pensar na superação do capitalismo, mas em suas obras demonstra que acredita que há remediações que contribuem para a reconstrução do que estamos perdendo. Essa saída pode acontecer através do resgate da relação com o outro, construção de novos rituais e de um novo uso do tempo: o

tempo do outro, o tempo dos rituais e o tempo para contemplação. A relação com o outro, aparece como um remédio para os principais problemas propostos, o outro é indispensável para estabilidade social, esfera democrática e indispensável para a estabilização psíquica do sujeito. Essas são condições essenciais para uma sociedade sólida e para um sujeito estável.

Pensar nas saídas propostas é confortável, mas ao mesmo tempo levanta novas questões. Se o sujeito do desempenho está tão absorvido pelo neoliberalismo e até mesmo sua subjetividade está em jogo, como poderíamos esperar qualquer tipo de autonomia? Pode-se falar que a preservação da autonomia hoje pode parar processo? Como isso ocorreria? Essas são questões que transpassam esse estudo e merecem dedicação a elas.

Assume-se também neste trabalho que a saúde mental é de suma importância nesse processo. Tendo exposto a implicação das redes sociais na saúde mental, defende-se que é necessário pensar em medidas que se voltem para solucionar tais problemas, propondo medidas que visam um uso crítico e saudável das redes digitais. Ainda que as redes sociais se mostrem muito nocivas, é necessário entender que elas já fazem parte da vida do homem contemporâneo, de tal modo que não é possível indicar que a única saída é abandono das mesmas. Ainda que desvencilhar-se das redes sociais seja a melhor saída, defender tal ideia apenas contribuiria para que as soluções de tais problemas continuassem apenas na teoria, de forma mais urgente é preciso pensar medidas que conciliem a saúde mental e o uso das redes. Primeiramente, é preciso ter em mente que para buscar soluções é preciso que os próprios afetados por aquele problema também o percebam. É necessário que a digitalização e suas consequências sejam temas que devem ser abordados dentro da escola, crianças e adolescentes precisam ser ensinadas sobre a digitalização e o mundo virtual, como ele opera, como se usa e quais suas implicações, propor um pensamento crítico sobre o assunto. Em relação as informações, é preciso criar o hábito de checagem e pesquisa por fontes diferentes. É preciso ter um olhar mais crítico e honesto sobre os dados, perceber suas limitações.

Uma primeira medida importante em relações as redes sociais, é uma melhor administração do tempo, diminuir a quantidade de tempo que os usuários passam conectados. Como é difícil se desconectar voluntariamente (uma vez que sabemos que há uma engrenagem para que os usuários se mantenham conectados), é interessante pensar no uso de aplicativos que limitam o tempo diário do usuário. Alguns aplicativos permitem que você veja a quantidade de tempo que passa conectado à determinada aplicativos e ele permite também que você estipule um tempo máximo diário de uso, onde quando o tempo é atingido o aplicativo que você estava usando é fechado e não é possível acessá-lo novamente (a não ser que o aplicativo de controle seja desinstalado). É válido também desativar notificações desnecessárias, de aplicativos que

não sejam tão importantes. Importante também que as pessoas sejam educadas sobre as implicações de suas ações dentro do mundo virtual (desde a autoexposição até o compartilhamento de *fake news*).

Uma medida defendida pelo grupo de pesquisa do estudo Status of Mind (RSPH), é que deve ser ao alertado e destacado para os usuários quando uma foto for editada digitalmente. Essa medida é uma tentativa de assegurar que os usuários tenham consciência de que aquela imagem não corresponde a um padrão real, essa medida é voltada principalmente para os jovens que sofrem com a pressão estética, uma vez que as imagens manipuladas tendem a se passar por naturais e assim criando um objetivo irreal e problemas de autoimagem.

Também é importante que dentro e fora dos espaços de educação, seja ensinado desde a infância (uma vez que cada vez mais cedo as crianças têm acesso as redes sociais) a importância de uma vida fora das redes sociais, a importância da presencialidade e das pessoas “reais” como necessárias para um desenvolvimento saudável. Estimular uma sociabilidade com as pessoas ao seu redor. Pensar em mais tempo fora das redes, pensar em novas formas de vivenciar o tempo, abre a possibilidade para o caminho de pensar e se construir novos rituais, isso não apenas promovendo um bem-estar, mas também fortalecendo a vida em comunidade real. Ainda não é possível propor soluções para todos os problemas apontados aqui, mas um passo importante é pensar sobre eles.

Por mais que esse trabalho em partes tenha se dedicado a fazer uma crítica à internet, é preciso reconhecer que há aspectos positivos. Em relação a saúde mental há um ponto que a internet e as redes sociais contribuíram, foi o maior espaço para conversar e ter acesso à informações sobre saúde mental, seja fóruns online ou através de conteúdos informativos. A maior atenção a transtornos mentais contribui para que as pessoas possam se informar e assim pedir ajuda. No Google, se você procura por termos que sugerem intenção de suicídio, um dos primeiros resultados de pesquisa é uma indicação para procurar ajuda e apoio emocional, inclusive sugerindo quem você pode procurar. No Brasil o Google costuma indicar o Centro de Valorização da Vida. A internet também conectou pessoas com problemas semelhantes.

Pensando pelo lado de conectar pessoas, há também a conexão daqueles que se opõe e não apenas que condizem com as ideias dominantes. As guerras tem sido uma demonstração, a internet tem propiciado uma oposição das histórias montadas pela mídia televisiva. Pessoas compartilham informações e imagens de fora, que oferecem uma outra realidade daquela mesma situação.

É necessário enxergar também a importância da saúde mental, um indivíduo depressivo que se encontra apático, não conseguirá pensar em política ou pensar em qualquer ação política,

ainda que ele tenha consciência de tais problemas. É necessário que as mudanças também aconteçam dentro das próprias universidades, pois é perceptível que a noção de desempenho também está presente tanto na graduação quanto na pós-graduação.

É preciso pensar na necessidade de mudanças e como fazê-las ainda que seja iniciando em uma microesfera. Para além disso, há a necessidade de pensar em como poderiam construir políticas que interfiram no poder das empresas que exploram e vendem os dados, e nas empresas que comprem esses resultados. Pensarem na questão como manter a privacidade dos usuários.

É importante e necessário ter em mente que a mudança não virá apenas dos estudiosos que estão dentro das academias. É preciso, principalmente na filosofia, tornar-se mais acessível e mais próxima dos jovens e dos indivíduos em geral. Ainda que a filosofia possa ser contaminada pelo discurso de desempenho, ela continua sendo um espaço que nos oferece a possibilidade de diferença. A atualização da filosofia é de suma importância, no sentido que se ela precisa acompanhar as novas questões filosóficas, diante disso temos nossas esperanças renovadas quando vemos o surgimento de ramos como a Filosofia da tecnologia ou Filosofia da informação. O próprio Byung-Chul Han e outros críticos do século XXI são a provas de que a filosofia ainda existe, e que pode e deve ir para além esfera acadêmica.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRÃO, Joshua. **As relações do poder segundo Michel Foucault e Byung-Chul Han: uma proposta de articulação para a análise da complexidade do poder local em Moçambique.** Revista Videre, [s. l.], v. 12, n. 23, p. 163-178, 2020. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/videre/article/view/11366>. Acesso em: 15 ago. 2022.

BENJAMIN, Walter. **A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica.** 1. ed. Porto Alegre: Zouk, 2012.

BAUMAN, Zygmunt; DONSKIS, Leonidas. **A crise da política e a busca de uma linguagem da sensibilidade**. In: CEGUEIRA MORAL: A perda da sensibilidade na modernidade líquida. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2014. cap. 2, p. 63-114

BORGES, Gabriel Caio. **A ideia de narrativa de Walter Benjamin**. Revista Lampejo, [s. l.], v.6, n. 2238-5274, ed. 2, p. 66-77, 2017. Disponível em: [https://revista.lampejo.apoenafilosofia.org/?page\\_id=1346](https://revista.lampejo.apoenafilosofia.org/?page_id=1346). Acesso em: 4 set. 2023

CHAVES, Alaor. **Dataísmo: A nova religião emergente?** Alaor Chaves, [S. l.], dez. 2017. Disponível em: <http://alaorchaves.com.br/dataismo-a-nova-religiao-emergente/>. Acesso em: 3 jul. 2023.

COULDRY, Nick; MEJIAS, Ulises. Colonized by Data. In: **The Costs of Connection: How Data Is Colonizing Human Life and Appropriating It for Capitalism (Culture and Economic Life)**. 1. ed. EUA: Stanford University Press, 2019. cap. Prefácio, p. XI - XVI.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. 4. ed. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**. 27º. ed. Petrópolis - RJ: Editora Vozes, 1997.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. 28. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

FILHO, Florêncio; ROSA, Pablo; MARCHIORI, Giovanna. **Do homo oeconomicus ao sujeito de desempenho: trajetória do sujeito no modelo neoliberal nos pensamentos de Foucault e Byung-Chul Han**. Research, Society and Development, [s. l.], v. 9, n. 4, 20 mar. 2020. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/download/2964/2183/12219>. Acesso em: 2 jun. 2023.

HORKHEIMER, Max. **Eclipse da razão**. 1. ed. São Paulo: Unesp, 2015.

HARVEY, David. Introdução. In: HARVEY, David. **O neoliberalismo: História e implicações**. 1. ed. São Paulo: Loyola, 2008. p. 23-26.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. 2º Edição. Rio de Janeiro: Vozes, 2015.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade da Transparência**. 1º Edição. Rio de Janeiro: Vozes, 2017a.

HAN, Byung-Chul. **Topologia da Violência**. 1º Edição. São Paulo - Brasil: Vozes, 2017b.

HAN, Byung-Chul. **No enxame: Perspectivas do digital**. 1º Edição. Rio de Janeiro, Vozes, 2018a.

HAN, Byung-Chul. **Psicopolítica: o neoliberalismo e as novas técnicas de poder**. Belo Horizonte: Áyiné, 2018b.

HAN, Byung-Chul. **A salvação do belo**. 1º Edição. Rio de Janeiro. Vozes, 2019a.

HAN, Byung-Chul. **A agonia do Eros**. 1º. ed. Rio de Janeiro. Editora Vozes, 2019b.

HAN, Byung-Chul. **Louvor da Terra**. 1º. ed. Portugal: Relógio D'Agua, 2020.

HAN, Byung-Chul. **Favor fechar os olhos: Em busca de um outro tempo**. 1º. ed. [S. l.]:Ed. Vozes, 2021a.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade paliativa: A dor hoje**. 1. ed. Petrópolis - RJ: Vozes, 2021b.

HAN, Byung-Chul. **A expulsão do outro: Sociedade, percepção e comunicação hoje**. 1. ed. Petrópolis - RJ: Vozes, 2021c.

HAN, Byung-Chul. **O desaparecimento dos rituais: Uma topologia do presente**. 1. ed. Petrópolis - RJ: Vozes, 2021d.

HAN, Byung-Chul. **Infocracia: Digitalização e a crise da democracia**. 1. ed. Petrópolis - RJ: Vozes, 2022a.

HAN, Byung-Chul. **A expulsão do outro: Sociedade, percepção e comunicação hoje**. 1. ed. Petrópolis - RJ: Vozes, 2022b.

HAN, Byung-Chul. Da coisa à não-coisa. In: **Não-coisas: Reviravoltas do mundo da vida**. 1. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2022c.

HAN, Byung-Chul. Considerações sobre a inatividade. In: **Vita contemplativa ou sobre a inatividade**. 1. ed. [S. l.]: Vozes, 2023. cap. 1, p. 9-26.

HOPENHAYN, Martín. **Byung-Chul Han contra sí mismo**. Santiago, [s. l.], 20 jul. 2022. Disponível em: <https://revistasantiago.cl/pensamento/byung-Chul-han-contra-si-mismo/>. Acesso em: 16 ago. 2022.

LAFARGUE, Paul. **O Direito à Preguiça**. Tradução de Alain François. 1º. ed. São Paulo: Edipro, 2016.

LA BOÉTIE , Étienne de. **Discurso da Servidão Voluntária**. 2. ed. atual. São Paulo: Martin Claret, 2018.

MORAES, Alfredo. **Dialética da alteridade**. *Ágora Filosófica*, [s. l.], v. 1, p. 56-66, 2001. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/4251/4251.PDF>. Acesso em: 6 set. 2023.

MATTOS, Amanda; CASTRO, Lucia. **Ser livre para consumir ou consumir para ser livre?** *Psicologia em Revista*, Belo Horizonte, v. 14, n. 1, p. 151-170, 15 nov. 2008. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1677-11682008000100009](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682008000100009). Acesso em: 22 set. 2022.

MORAES, T. A.; ABREU, N. R. de. **Tribos de consumo: representações sociais em uma comunidade virtual de marca**. *Organizações & Sociedade*, [S. l.], v. 24, n. 81, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaoes/article/view/13397>. Acesso em: 01 Abril. 2023.

OLIVEIRA, R. C.; DA SILVA, J. V.; CARDOSO, V. L. de S. **TDH e o uso prolongado das mídias sociais**. *Brazilian Journal of Health Review*, [S. l.], v. 4, n. 1, p. 2425–2434, 2021. Disponível em:

<https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BJHR/article/view/24176>. Acesso em: 14 jul. 2023.

ROYAL SOCIETY FOR PUBLIC HEALTH (RSPH). **Status of mind: Social media and young people's mental health and wellbeing**. Royal Society for Public Health, Inglaterra, 2017. Disponível em: <https://www.rsph.org.uk/our-work/campaigns/status-of-mind.html>. Acesso em: 1 set. 2022.

SOUZA, Washington. **Ensaio sobre a noção de poder em Michel Foucault**. Metodista: Portal de Periódicos Científicos e Acadêmicos, São Paulo, v. 1254, ed. 2, p. 103-124, 2011. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/ML/article/view/3160>. Acesso em: 24 mar. 2021.

SAINT CLAIR, E. **Tecnologias de comunicação e percepção: abordagens teóricas sob viés crítico**. Rizoma, v. 5, n. 2, p. 194-206, 3 jan. 2018. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/rizoma/article/view/9550>. Acesso em: 03 de Abr. 2021.

STEINMETZ, Cristiano José. **Arte e racionalidade: O espaço da crítica na sociedade neoliberal**. Revista eletrônica Arma da Crítica, [s. l.], Maio/2019. Disponível em: [http://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/49038/1/2019\\_art\\_cjsteinmetz.pdf](http://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/49038/1/2019_art_cjsteinmetz.pdf). Acesso em: 30 out. 2022.

SILVEIRA, Sara Juliana. **Notas sobre a filosofia de Byung-Chul Han: a experiência estética na era digital**. [S. l.], p. 393-411, 11 ago. 2020. Disponível em: <https://faje.edu.br/periodicos/index.php/Sintese/article/view/4152>. Acesso em: 20 out. de 2020.

SANTAELLA, L.; KAUFMAN, D. **Os dados estão nos engolindo?**. Civitas: revista de Ciências Sociais, [S. l.], v. 21, n. 2, p. 214–217, 2021. DOI: 10.15448/1984-7289.2021.2.39640. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/civitas/article/view/39640>. Acesso em: 2 jul. 2023.

ZUBOFF, Shoshana. Lar ou exílio no futuro digital: O que é capitalismo de vigilância?. In: ZUBOFF, Shoshana. **A Era do Capitalismo de Vigilância: A luta por um futuro humano na nova fronteira do poder**. 1. ed. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2021. cap. 1, p. 18-28.